



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE HISTÓRIA

LUCINEA GARCES LISBOA

HISTÓRIAS DE PESCADORES: o imaginário nas histórias do mar e igarapés
de São José de Ribamar

São Luís

2016

LUCINEA GARCES LISBOA

HISTÓRIAS DE PESCADORES: o imaginário nas histórias do mar e igarapés de São José de Ribamar

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marize Helena de Campos

São Luís

2016

Lisboa, Lucinea Garces.

Histórias de pescadores: o imaginário nas histórias do mar e igarapés de São José de Ribamar / Lucinea Garces Lisboa. — São Luís, 2015.

66 f.

Orientador: Marize Helena Campos.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, 2015.

1. História do imaginário. 2. Histórias de pescadores – São José de Ribamar.
3. História oral. 4. Mar. I. Título.

CDU 94:639.2(812.1)

LUCINEA GARCES LISBOA

**HISTÓRIAS DE PESCADORES: o imaginário nas histórias do mar e igarapés de São
José de Ribamar**

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Federal do Maranhão, para
obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovada em: 4 / 4 / 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marize Helena de Campos (Orientadora)

1º Examinador

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Abreu Baccega

2º Examinador

Prof. Msc. Manoel de Jesus Barros Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, minha força maior, meu refúgio, que sustenta minha alma e refrigera meu coração todos os dias, em especial nesses últimos e dolorosos meses, pois sei que sem sua graça e sustentação não chegaria até aqui.

Toda gratidão a minha família: ao meu pai Adelino, homem justo e pescador, que mesmo não cobrando de mim bons resultados, sempre acreditou e esperou o melhor de mim. Pelo pão e pelo peixe de cada dia, que não me deixou faltar, muito obrigada. Ao meu irmão Luís Carlos, que muito me incentivou. Agradeço a minha tia Maria Domingas, que se prontificou a caminhar comigo na busca dos meus entrevistados.

Em especial, a minha mãe Maria Vitória, que não mediu esforços para que eu pudesse ter uma boa formação acadêmica. A ela que, com muito esforço e trabalho, me ajudou financeiramente; do pouco que recebia, sempre tirava o valor referente às minhas passagens, tudo muito bem regrado, para que eu não ficasse sem ir à universidade.

Sei que para muitos, nada mais é do que a obrigação de uma mãe para com seu filho, mas eu sei também, que nenhuma outra pessoa se dedicaria tanto por mim, mesmo no pouco, a fazer tudo para que eu possa alcançar o sucesso e tornar-me uma vencedora nas batalhas da vida. Eu vivi e reconheço a dedicação de minha mãe, e hoje mais que obrigada, eu quero poder agradecer durante toda a vida em forma de carinho, amor e cuidados. Amo-te minha mãe!

Ao meu esposo Aldair José, que tem sido meu amigo e companheiro, estando comigo nos momentos de fraquezas e incentivando-me o término desta monografia. Sei que juntos conseguiremos vencer. Obrigada!

Aos meus amigos, que diretamente ou indiretamente colaboraram nesta monografia, mesmo com palavras de carinho e superação: A Ciryla Serra e Erlana Gomes, minhas companheiras da turma de História 2010.2, minha gratidão pelos favores realizados, pelas visitas, correções e pela nossa amizade. A Ivanildo, amigos pela fé, que muito disponibilizou sua internet, tempo e boa vontade. Ao primo, Wanderson dos Anjos, que não me negou ajuda na formatação do meu texto, obrigada! A todos cujo nome não citei, mais sabem do imenso carinho que lhes tenho. Muito Obrigada!

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marize Helena de Campos, por ter sido paciente no tempo, na escrita e nos meus momentos de tristeza. Muito obrigada pela amizade, pelas correções, pelas excepcionais aulas, pelos conselhos e pelas doses de ânimo.

A Universidade Federal do Maranhão, que proporciona a todos um caminho repleto de conhecimentos, com ótimos professores e uma formação avançada e continuada.

Agradeço a gentileza, o carinho e a disponibilidade de Adelino Pinto, Adelino Costa, Edvaldo Santana, Edilson, Euvaldo, Carlos Alberto, Daniel e José Gonçalo se propuseram a dar. Pelo acolhimento e por terem partilhado um pouco de suas vidas e suas histórias. Obrigada por ajudarem-me a registrar na historiografia o lugar, o tempo, o trabalho e o imaginário mundo do pescador.

Agradeço a criatividade do professor Paulo César de Carvalho, do Departamento de Artes (DEART-UFMA), que produziu especialmente para esta monografia o desenho da capa.

Aos professores Marcus Vinícius de Abreu Baccega e a Manoel de Jesus Barros Martins, muito grata pelo convite aceito e certamente pelas observações que farão no intuito de engrandecer este trabalho.

A todos, o meu imenso carinho e muito obrigada!

Figura 1 – Pescadores na Baía de São José



Fonte: Santos, 2015

Minha jangada vai sair pro mar. Vou trabalhar, meu bem querer. Se Deus quiser, quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer. Meus companheiros também vão voltar e a Deus do céu vamos agradecer. E a jangada vai! É mais um dia na vida do pescador. Mas alguém na terra espera o pescador. Ela promete no céu a Deus uma reza pra ter um bom tempo pra que ele possa voltar e promete na sua volta uma caminha macia perfumada de alecrim [...] (Dorival Caymmi)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer o universo imaginário dos pescadores de São José de Ribamar, a partir de suas histórias sobre o mar, o qual é um vasto campo coberto por mitos, visões de mundo e símbolos. Características do Imaginário europeu que ainda se perpetuam e da História das Mentalidades, que embora caminhem separadamente, ambas enriquecem este trabalho quando nos ajudam a entender e respeitar o misterioso mundo do mar e seus agentes reais e imaginários, e como este transforma e molda o viver, o pensar, o agir de homens que por sobrevivência ou prazer no ofício da pesca, o desbravam constantemente. Utilizamos como aporte teórico leituras relativas à História das Mentalidades e História do Imaginário, para que percebamos os enlaces da longa duração e de uma possível reminiscência do imaginário medieval ainda no século XXI.

Palavras-chave: São José de Ribamar. Pescadores. Mar. História do Imaginário.

ABSTRACT

The present work has the objective of knowing the imaginary universe of fishermen of São José de Ribamar, from their stories about the sea, which is a vast field covered with myths, symbols, and worldviews. Characteristics of the European imaginary which are still perpetuated and of the mentalities Histories, which walk separately, containing its specificities, both enrich this work by helping us to understand and respect the mysterious world of the sea and its actual agents and imaginary and how this transforms and shapes the living, thinking and the acting of men for survival or pleasure in the trade of fishing, constantly paved. We use as theoretical contribution the readings concerning the History of mentalities and History of the imaginary to understand the long-term links and a possible reminiscence of medieval imaginary in the XXI century.

Keywords: São José de Ribamar. Fishermen. Sea. Imaginary the history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Pescadores na Baía de São José.....	7
Figura 2	- Mapa da Ilha de São Luis.....	22
Figura 3	- Praça da Matriz de São José de Ribamar.....	23
Figura 4	- Arraial de São José de Ribamar em 1886.....	25
Figura 5	- Andor de São José de Ribamar.....	26
Figura 6	- Procissão marítima em homenagem a São José de Ribamar	27
Figura 7	- Andor da Sagrada Família de Nazaré.....	28
Figura 8	- Baía de São José.....	29
Figura 9	- Pescadores ribamarenses.....	30
Figura 10	- Atividade de pesca.....	32
Figura 11	- Procissão marítima em homenagem a São Pedro.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 MENTALIDADE, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA ORAL: teorias e métodos.....	16
1.1 História oral e suas práticas.....	20
2 SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: a cidade arriba do mar.....	22
2.1 Setembro: a festa do santo.....	26
2.2 A pesca na baía de São José.....	28
3 HISTÓRIAS DE PESCADORES: entre o real e o imaginário.....	34
3.1 O mar e suas representações.....	36
3.2 Adentrando o mundo imaginário dos pescadores.....	38
3.3 Um breve históricos dos pescadores.....	41
3.3.1 As histórias contadas a partir de seus narradores.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Desde a educação básica, o Maranhão muito me interessava como objeto de estudo, pois queria conhecer a minha história, o meu pedaço de mundo. Quando ingressei na universidade, tive a oportunidade de expandir esse conhecimento. Eu sabia, inclusive, que ao final da minha graduação eu queria concluir o Curso de História com um trabalho monográfico sobre esse estado brasileiro, mas nada havia de bem definido. A partir do quarto período percebi que para além dos estudos sobre o Maranhão, eu queria me aproximar mais da minha cidade, do meu espaço de convivência e de sobrevivência minha e de minha família. Eu queria explorar minha terra e mais, conhecer as pessoas, entendê-las em seu próprio mundo, seu trabalho, suas crenças, seus valores, seus medos, seus costumes. Porém, ainda continuava sem saber como transformar essa minha vontade em um trabalho concreto por não saber exatamente que caminho seguir, e o que parecia simples, me angustiava.

No quinto período do curso, quando fiz a disciplina de Métodos, me deparei com o projeto de monografia; fiquei preocupada, pois ainda não havia definido o meu tema. Muitos temas passaram pela minha cabeça, mas nada permaneceu. Foi então que, depois de outras tentativas, procurei a professora Marize Helena de Campos para lhe falar da minha grande dificuldade em definir o meu campo de pesquisa, embora soubesse qual espaço queria explorar. Depois de conversarmos, ela orientou-me e, em suas próprias palavras, disse que “eu tinha um banquete nas mãos”, por morar em uma cidade localizada às margens da baía de São José e que apresenta a atividade pesqueira como grande característica.

Devido à escassez de estudos feitos sobre o pescador, seus modos, sua ideias, sonhos e medos, ela me desafiou a trabalhar monograficamente como o pescador lida com o mar em suas viagens, em busca do alimento e ou na terra em seus dias de “descansos”, especificamente no que se refere ao mistério, ao mito e imaginário como as lendas, as histórias de monstros marinhos, de sereias, de cavala-canga, lobisomem, histórias de pescadores e os *causos* de seres imagináveis que se não vividas ou vistas, mas ouvidas, que em muitas vezes nortearam a vida e o trabalho desses homens que se lançam na aventura do conhecido e ao mesmo tempo desconhecido mar.

Em nossa pesquisa bibliográfica encontramos trabalhos que enriqueceram esta monografia, tais como: Jean Delumeau, em *a História do medo no Ocidente*, no qual discerne sobre o lugar do medo - “mar variável onde todo temor abunda” -, destacando como a humanidade sempre viu o mar como o lugar de águas profundas, devorador dos vivos; Laura

de Mello e Souza, que, no primeiro capítulo do seu livro *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, descreve as grandes aventuras marítimas: as navegações, as quais, segundo a autora, se deram sob forte influência do imaginário europeu provindas das grandes leituras como o “*livro das maravilhas*” de Mandeville, que mesclou elementos do imaginário medieval com o cenário desconhecido do além-mar e que, por tal, também passaram a ver a colônia como o lugar de “gente inviável”. Sua abordagem apresenta concepções do mar como uma origem da vocação demoníaca de um povo, ao mesmo tempo e, paradoxalmente, como a purificação do louco que se dá nas águas oceânicas através dos grandes barcos imagináveis e suas navegações, os quais levavam os “filhos malditos” de Portugal para as viagens simbólicas, e abandonados à incerteza da sorte; Em *Visão do Paraíso* (1996), Sérgio Buarque de Holanda aborda a mentalidade europeia ocidental da “época dos descobrimentos”, principalmente do Brasil, analisando os motivos edênicos, a começar pelos relatos de viajantes, as cartas cartográficas da época, nas histórias recontadas por quem não viajou, mas escutou falar das aventuras além-mar e as recontou acrescentando suas expectativas e seus medos.

Estes são exemplos claros de que os estudos sobre as grandes navegações do século XV e dos descobrimentos de novas terras são contribuições deixadas para que se conheça além da história oficial dos vencedores e, trazendo para esta monografia, o mar e suas armadilhas, os aventureiros, seus medos e os vencidos que contribuem para que se conheçam os que ainda hoje continuam lutando e sobrevivendo, não mais os ditos grandes navegadores, mas ainda navegadores: os pescadores.

Cabe salientar que tivemos poucos trabalhos encontrados no eixo temático Estudos da mentalidade e do imaginário pautados nas histórias de pescadores devido ao fato de o tema não ter muitos precedentes em relação à mentalidade imaginária desses pescadores. Nesse sentido, entendo que este ensaio monográfico vem contribuir com a historiografia maranhense, pois trata e adentra a história do esquecido, do “pequeno”, do pobre, do pescador.

Como aporte teórico, utilizamos as abordagens da História das Mentalidades e da História do Imaginário, já que nosso intuito principal é analisar as histórias de pescadores sobre o mundo encantado através de visões, visagens, experiências, mitos e causos vividos, vistos ou ouvidos que são explicados em si por sua permanência na dita longa duração de George Duby no contexto das Mentalidades, pois a partir delas se compreende o comportamento social, político, econômico e religioso desses homens em seu próprio tempo,

tratando-se também de um estudo de comportamento e como este pode até sofrer mudanças, porém, muito lentamente. Paralelamente, nos estudos do Imaginário, essas histórias são parte da representação e de expressão de pensamento de uma realidade interior que revela um sentido ou um significado e que se manifesta por imagens e discursos que nos permitem compreender o comportamento de uma sociedade no passado, visto que a representação no campo do Imaginário se ressignifica continuamente.

Em diálogo com a teoria, utilizamos os instrumentais metodológicos da História Oral, que, vertida em depoimentos e tradições, relatos e histórias de vidas, narrações, recordações e memórias, constitui a matéria-prima utilizada pelos historiadores e que embora muito questionada nos anos de 1970, foi ganhando seu espaço desde o ano de 1990, e sua rotulação de uma história de segunda classe¹ foi depois de muito trabalho e conquistas sendo posta de lado.

Para além, a História Oral se multidisciplinarizou, pois envolveu temas que já tinham sido trabalhados por outras disciplinas como Antropologia, Sociologia, Psicologia e a Psicanálise, fornecendo assim aos historiadores novos métodos e técnicas que não estiveram somente pautadas na escrita. Um exemplo da influência multidisciplinar é o atual interesse dos historiadores pelas questões culturais ou simbólicas nos estudos sobre mentalidade e a formação das identidades coletivas por uma metodologia de pesquisa baseada em história e relatos de vida cujo fundamento é a oralidade².

Desenvolvemos nossa análise em três capítulos, além de uma seção introdutória. No capítulo 1, apresentamos o referencial teórico englobado nos eixos das Histórias das Mentalidades, História do Imaginário e História Oral, configurando um histórico dessas vertentes, no intuito de relacioná-las mais à frente com as experiências dos pescadores, vividas ou ouvidas durante as pescarias ou em terra firme.

No capítulo 2, por sua vez, tratamos de fazer um panorama geral da cidade de São José de Ribamar, descrevendo os momentos que marcaram a história de sua ocupação, assim como sua localização geográfica, realçando como sua economia está diretamente atrelada à

¹Essa rotulação foi dada por considerar-se até então, a História Oral de difícil manejo por causa de seus elementos como a memória, oralidade, relatos e recordações entendidos como subjetivos.

² A sociologia é um dos grandes exemplos no aperfeiçoamento metodológicos em pesquisas baseados nos relatos de vida.

atividade pesqueira, além de descrever as características dos pescadores, salientando, ainda, neste contexto, a grande importância da baía de São José, como um imenso campo de onde muitas famílias ribamarenses tiram o seu sustento.

No capítulo 3, trabalhamos em um primeiro momento com a influência do imaginário europeu desde a expansão ultramarina dita por Laura de Melo e Sousa em *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, assim como a escrita de Jean Delumeau sobre os medos originados na mentalidade coletiva, sobretudo, o medo do mar, além das contribuições de Mary Del Priore, Le Goff, Georges Duby entre outros. No segundo momento, trabalhamos com as Histórias dos pescadores e sua relação com a historiografia, adentrando o universo das Mentalidades e do Imaginário, percebendo as permanências seculares como o medo e as apropriações do medievo como os bestiários. Por fim, damos sequência com um breve histórico dos pescadores, e em seguida disponibilizamos suas histórias orais.

1 MENTALIDADE, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA ORAL: teorias e métodos

O estudo das Mentalidades foi inaugurado pelos trabalhos de Lucien Febvre e Marc Bloch, que, ao proporem uma história problematizadora com o movimento dos *Annales*, romperam com a história narrativa de herança rankeana, a qual se preocupava em construir uma história do singular, de natureza política, econômica e militar. Bloch e Febvre propunham uma história ocupada com as inquietações do social, com o pensamento das massas, interdisciplinar, sintética e totalizante. Os historiadores das Mentalidades procuraram aproximações com outras ciências humanas, como já comentado anteriormente, principalmente a Psicologia, para entender os comportamentos e reações coletivas, com a Demografia, Etnologia e a Sociologia no estudo do social pelo coletivo.

Para a maioria dos historiadores não há um conceito, uma “fórmula exata” do que seja a História das Mentalidades, pois esta busca sempre o dinamismo, “[...] a história em busca de si mesmo. O território dessa história e a relatividade entre as condições de existência dos homens e a reação dada a elas [...]” (VOVELLE p. 116 apud NICOLAZZI, 2000 p. 56), por isso, o mergulho na história daqueles que não tiveram ou puderam ter uma história contada por menor que fosse.³

Para Jacques Le Goff, um dos grandes estudiosos sobre a História das Mentalidades, trata-se de um estudo de comportamento e atitudes coletivas, o que até então era desprezado pela história do social num espaço de tempo mais amplo, na longa duração. “[...] A mentalidade é aquilo que muda mais lentamente. História das mentalidades, história da lentidão na história [...]” (LE GOFF apud VAINFAS, 1994, p. 207).

Uma característica marcante das Mentalidades para Le Goff é o inconsciente, aquilo que escapa aos sujeitos particulares da história porque revela o conteúdo impessoal de seu pensamento, sendo os lugares onde está a mentalidade e o inconsciente coletivo os mais variados e mostram diferentes fontes. Para o referido autor, a história das mentalidades permite ao historiador um vasto território para exercer seu ofício, seja na interdisciplinaridade ou nas crescentes fontes.

³ Retirado do texto de Fernando Nicolazzi: História das Mentalidades e História Cultural. Trata-se da noção de Mentalidade para Michel Vovelle, em que a Mentalidade é muito mais empírica do que conceitual. Daí a presença da relatividade, da historicidade e as transformações ocorridas nela.

Outro historiador com destaque nessa temática é Philipp Ariès,⁴ o qual trabalha com uma análise completa das Mentalidades desde os pais fundadores da escola dos Annales (Lucien Febvre e Marc Bloch) até a era Braudel. Diverge de Le Goff em relação à longa duração. Para Ariès, a natureza da história está em dois tempos (o passado e o presente) sendo que se tenta compreender o passado em relação com o presente, propondo uma ruptura entre esses dois tempos, ao contrário dos trabalhos de Braudel e Le Goff que segue continuamente, embora haja mudança lentamente. Em Ariès, a História das Mentalidades decorre em dois tempos diferentes: o presente, do historiador, e o passado, tempo propriamente dito da história. A partir desta relação surgem novos campos de estudos sobre massas anônimas e a descoberta do que é o diferente.

As Mentalidades investigam os processos de rupturas, onde se passa de um sistema para outro.

[...] A passagem de um sistema de representação a outro pode então ser vista ao mesmo tempo como uma ruptura radical (nos saberes, mas também nas próprias estruturas do pensamento) e como um processo feito de hesitações, de retrocessos, de bloqueios. [...] (CHARTIER, 2002, p. 46).

Esta ruptura, passagem de representações, não está só no tempo dito do passado e presente, mas nas mudanças de relações com os modos de pensar, na cultura e saberes, e que as usam conforme as suas necessidade e re-apropriações.

Para Michel Vovelle, a História das Mentalidades se ocupa com as histórias da cultura popular, dos anônimos, das massas populares, com seus segredos e comportamentos, ao contrário da visão vertical do comportamento das elites. Para ele, o conceito de inconsciente coletivo, utilizado por Le Goff, deveria ser substituído por imaginário coletivo e a aproximação com a Psicologia para explicação do primeiro termo pode ser substituída pelo estudo das ideologias que levam ao imaginário sugerido no segundo termo.

Os esclarecimentos e as preocupações apontadas pelos estudos de Michel Vovelle estão, em grande parte, em conformidade com a postura de Georges Duby. No seu fazer historiográfico, a ideologia ou ideologias não são um simples setor de traços de mentalidades, ressaltando que devemos perceber como os ensinamentos são transmitidos ao longo das gerações e as respectivas representações mentais geradas pelos mesmos, de como essas representações justificavam certos comportamentos sociais, “[...] em suma, de todo o concreto

⁴ ARIÈS, P.A. História das Mentalidades. In. LE GOFF, J. A História Nova. SP; 1990. Apud Revista vernáculo pág. 54, 2000.

da existência na qual essas representações mergulhavam suas raízes e sobre as quais repercutiam [...]” (DUBY, 1993, p. 90).

Georges Duby chama atenção para o grande legado que Febvre nos deixou:

[...] De maneira mais insistente, Febvre exortava-nos a escrever a história das “sensibilidades”, dos odores, dos temores, dos sistemas de valores, e seu Rabelais demonstrava magnificamente que cada época tem sua própria visão do mundo, e que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo [...] (DUBY, 1993, p. 87)

É através das mudanças de pensar e sentir, trabalhadas por Duby, que inserimos os temores, os valores e as visões de mundos dos pescadores ribamarenses demonstrados em sua própria época.

Os ditos “conceitos” de Imaginário e Mentalidades causaram por muito tempo confusão devido a suas aproximações. Porém, as diferenças são pontuais: enquanto a História das Mentalidades debruça-se em investigar as longas durações do espaço complexo mental social, em que só é possível perceber algumas modificações ao longo de muitos anos, a História do Imaginário ocupa-se na curta duração, no uso das imagens que fluem e influem no cotidiano social. Nesse sentido, Barros (2011, p. 99) enfatiza que “O historiador do imaginário começa a fazer uma história problematizada quando relaciona as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo, as questões sociais e políticas de maior interesse [...]”

Assim, a História das Mentalidades busca, através da longa duração, compreender os modos de viver e sentir (medos, angustias e etc.) de uma coletividade dentro do seu próprio tempo, enquanto a História do Imaginário visa a analisar as imagens produzidas pelo imaginário que perpassa a cotidianidade de uma sociedade, algo muito presente no período medievo, como por exemplo, referente ao pecado, à mulher, ao diabo, ao céu, ao inferno e ao paraíso, visto e concretizado nas grandes pinturas feitas a partir da Bíblia, que representavam e moldavam o cotidiano das pessoas de acordo com a política de interesse da nobreza e do clero, no intuito de estabelecer o certo e o errado, o bem e o mal junto com a vontade de quererem direcionar as condutas físicas e morais das pessoas. Contudo, na História do Imaginário as imagens servem como elementos de compreensão de uma sociedade no passado, relacionando-se com os símbolos, os mitos, as visões de mundo e configurando-se no campo das representações, a que a historiadora Sandra Pesavento vem definir como:

[...] a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade [...], portanto, o imaginário, enquanto representação revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente. É, pois, epifania, aparição de um mistério, de algo ausente que se evoca pela imagem e discurso. (PESAVENTO, 1995, p. 15-16).

Tais imagens sugerem a ideia que uma determinada sociedade tem de si mesma e de seus agentes sociais, ou seja, está relacionada com as relações do homem consigo mesmo, com Deus e com o invisível. Segundo José d'Assunção Barros, o historiador que trabalha com o Imaginário deve

[...] relacionar as imagens e símbolos, mitos e visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse – quando trabalha elementos do imaginário não com um fim em si mesmos, mas como elementos para compreensão da vida social, econômica, política e religiosa. (BARROS, 2010, p. 95)

O autor esclarece a importância da relação entre os elementos do imaginário como meios de compreensão a partir de si mesmo para então compreender a vida social, política e religiosa de um povo.

Partilhando da mesma ideia, Jean-Claude Schmitt, um dos maiores nomes da história medieval francesa, expõe que “[...] toda sociedade, todo grupo produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade.” (SCHMITT, 2007, p. 351 /apud/ ZIERER, 2008)

Quanto à referida questão do tempo, para o estudo do imaginário, ele não é estático, não se enquadra na longa duração, visto que a História do Imaginário importa-se com a relação imagem – representação – real, a qual muda rapidamente e ressignifica-se de modo contínuo. Outra distinção é que os objetos de investigação são mais definidos na História do Imaginário e se percebem através dos padrões de representação, enquanto o estudo das mentalidades é mais abstrato, preocupado com as maneiras coletivas de pensamento e sentimentos (BARROS, 2010).

Dentro de suas especificidades, destacamos a História do Imaginário por considerá-la de suma importância para o estudo que pretendemos pôr em execução sobre as histórias de pescadores, visto que ao analisar os modos de pensar, imaginar e representar através do discurso oral, verificou-se a construção das mentalidades referentes ao mar, à pesca, ao invisível, ao medo.

1.1 História Oral e suas práticas

A introdução da História Oral no Brasil se deu nos anos de 1970, mas somente nos anos de 1990 houve uma expansão mais significativa neste campo, devido aos grandes movimentos, encontros e seminários voltados para a discussão sobre História Oral. Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral, a qual lançou divulgação de programas e pesquisas já existentes como apresentação de acervos de testemunhos orais, permitindo traçar um quadro bem significativo da História Oral no Brasil. Desde então, foi ganhando mais espaços com as produções orais e os encontros anuais de História Oral, além de propiciar trocas de experiências entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Na tentativa de se ter um repertório das perspectivas e temas abordados por grande parte da bibliografia como específicos da História Oral, encontramos em *Usos e Abusos da História Oral* (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 14-15):

O uso do testemunho oral possibilita à História Oral esclarecer trajetórias individuais [...] São depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da História Oral se constituísse a história dos excluídos [...] Na História Oral, existe a geração de documento (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistado e entrevistador, entre sujeito e objeto de estudo; Isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretações [...] A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico) incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas- porque tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos, como a subjetividade, as emoções e o cotidiano.

Citamos três ideias, as quais foram resumidas para um melhor esclarecimento do fazer e praticar a História Oral, embora ainda haja divergências entre as direções que integrariam esse próprio tipo de História.

Ao passar do tempo surgiram os primeiros manuais da História Oral para avaliar a confiabilidade da memória oral que, unida a outras disciplinas como a Sociologia e Antropologia e junto da História documental, mostraram indicadores úteis para interpretar memórias e combiná-las com outras fontes históricas, para se descobrir, reviver e ressignificar o passado.

Em conferência proferida junto ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC, Pollak (1992, p. 207 apud ALMEIDA NETO,

2009, p.5) afirmou que a questão da precariedade dos relatos orais é um pretenciosismo, pois as fontes orais estariam sujeitas a limitações e imprecisões tanto quanto qualquer tipo de documentação, o que lhe confere o mesmo grau de legitimidade que possui qualquer outra fonte documental. O diferencial está no rigor crítico que deve ser aplicado pelo historiador na coleta, seleção e análise das fontes, seja qual for seu tipo. Para Vidal (1990, p. 82 apud ALMEIDA NETO, 2009, p.5), trata-se de uma

[...] discussão estéril. Tanto os documentos escritos como os orais são ‘monumentos’, são documentos históricos, criados por determinações objetivas e subjetivas que nos fogem à detecção. O importante, portanto, é usá-los como documentos históricos, ou seja, como documentos produzidos historicamente, no que eles nos podem oferecer de subsídios à compreensão do passado e de que este passado se tornou presente [...] Sua importância (ou sentido mesmo) está no que o historiador faz com ela.

A questão apontada é a de tentar entender as especificidades dos relatos orais, da memória, da história oral. Trata-se de identificar e ressaltar as diferenças entre este tipo de fonte e as tradicionalmente utilizadas e não querer igualá-las ou encontrar pseudo-vantagens, observar que atendem a necessidades de pesquisa que só elas podem suprir e que, portanto, requerem formas de interpretação diferenciadas de outros tipos de fontes que não lhe são excludentes. Levando-se em conta a contribuição e a construção que a memória dá aos estudos da História Oral, o que motivou este trabalho foi o esforço de recuperar as experiências, as histórias e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis (como os pescadores) na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência. Somada à História Oral e suas práticas, a teoria é necessária e útil na elaboração e desenvolvimento desta monografia. Como já citado, utilizaremos referenciais teóricos da História das Mentalidades, no intuito de analisar os modos de pensar e agir dos pescadores em variadas situações do dia-a-dia e ao longo de suas jornadas ao mar, juntamente com referenciais teóricos da História do Imaginário, que nos permitirá analisar as ideias a respeito do medo do mar, do bestiário, dos lugares encantados e proibidos, das manias e superstições antes de entrarem no mar e na sua volta em terra firme.

Adentraremos o próximo capítulo deste trabalho para conhecermos a cidade de São José de Ribamar, sua história político-administrativa e econômica, sua religiosidade e sua gente, para identificar as nuances e os encantamentos de suas praias e lendas, as dificuldades da labuta, a vida simples e, às vezes perigosa, que o mar oferece. Lugar de muitas religiosidades, de gente acolhedora e prestativa e principalmente de homens que buscam na imensidão do mar o seu motivo mais digno e nobre de viver: Pescar.

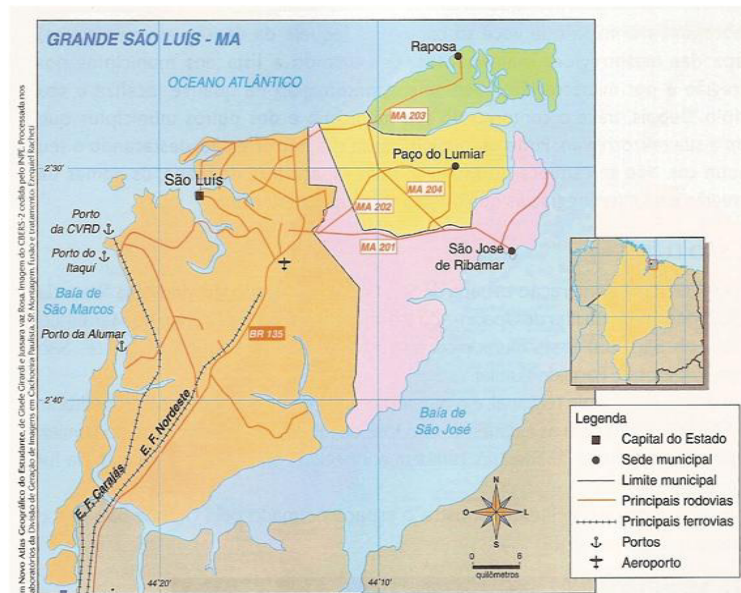
2 SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: a cidade arriba do mar

Partindo de sua gente, em especial o pescador, será possível entender a mistificação que envolve a cidade de São José de Ribamar, desde seu surgimento até sua autonomia política, envolvendo lendas, mitos e histórias que, agregadas ao contexto histórico, que contribui com sua veracidade, torna a cidade mais cheia de encanto.

O município de São José de Ribamar apresenta uma área de 388,371 km² segundo o IBGE-Maranhão, e confirmada pelo Censo de 2010, com uma população de 163.045 habitantes.

Situado no extremo leste da Ilha de São Luís, o município é rodeado pela Baía de São José e limitado ao norte pelo município de Paço do Lumiar e pelo Oceano Atlântico; ao Sul, pelos de Rosário e Axixá; a Leste, pelo de Icatu; a Oeste, pelo de São Luís. A sede do município possui uma altitude de 20 metros acima do nível do mar e sua posição geográfica é determinada pelo paralelo de 2^o.33' de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 44^o.44' longitude oeste. Encontra-se a 32 km de distância da capital maranhense.

Figura 2 – Mapa da Ilha de São Luís - MA



Fonte: Google maps

A faixa litorânea do município se estende desde o Araçagy até Juçatuba, desenhando um arco de praias, enseadas, mangues, barreiras, igarapés e outros detalhes geográficos.⁵

Ao fazer referência ao município maranhense de São José de Ribamar, Marques (1970 /apud/ REIS, 2001, p. 37) expõe que “SÃO JOSÉ DE RIBAMAR- tem este nome uma capela, distante da capital 7 léguas, edificada na extremidade da Ilha do Maranhão, que tem em frente a baía de São José.”

Figura 3 – Praça da Matriz de São José de Ribamar



Praça da Matriz, vendo-se a Igreja de São José de Ribamar

Fonte: Google imagens, 2015

Desde o século XVII, quando várias nações europeias se espalharam pelo mundo à procura de metais preciosos e quando os oceanos são cruzados à procura de novas terras, o Maranhão já era uma região disputada por portugueses e franceses, não só por causa de sua localização privilegiada como também por suas terras e pela busca de novas almas para Deus, e embora apresentasse um histórico de águas perigosas foi por aqui que se deu a batalha de Guaxenduba, o surgimento da cidade pautada na lenda de São José de Ribamar. São o real e o imaginário entrelaçados.

Muitos são os autores que escrevem sobre a lenda da cidade, como a pesquisadora Marli de Jesus Conceição, no seu livro intitulado *São José de Ribamar: cidade de encantos*, 1995. Mas, César Marques no seu dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão (MA,

⁵ Revista Caminhos do Maranhão n^o 41, p.8: **São José de Ribamar, a terra do padroeiro**. Publicação bimensal editada pela Cometa Comunicação Ltda. 2000.

1970, fonte onde se encontram os fatos da velha província do Maranhão) nos fala da mais aceitável lenda que a credence popular toma para si como verídica sobre a nomeação de São José de Ribamar, é a do pesquisador ribamarense Antônio Miranda. Em uma entrevista feita em 21 de julho de 1999, o referido pesquisador comenta:

Um navio vindo de Portugal para o Maranhão entrou em baía errada e veio bater aqui e foi exatamente aqui que ia se dando o naufrágio e no momento da súplica foi que a tripulação clamou por São José e foi atendida, quando uma onda gigantesca atingiu o casco do navio e o joga sobre uma croa e o mesmo encalha, então a tempestade passa e o navio ficou lá, quando a maré secou todinha, os tripulantes recolheram o material para consertar o navio. Quando chegaram a Portugal, o capitão mandou esculpir a imagem da Sagrada Família... [...] ele recebeu a imagem e trouxe para cá e construiu sobre um promontório a primeira capelinha dedicada a São José. O mencionado capitão português foi embora e nunca mais aparecera, então conta a história que os índios habitantes do lugar, os Gamelas, passaram a ser os donos verdadeiros da imagem e isto por volta da primeira metade do século XVII, comparando a lenda com a fundação. Porque quando os frades Franciscanos começaram a chegar aqui, por volta de 1624 a 1627, já encontram os índios às voltas da imagem.⁶ (MIRANDA apud REIS, 2001, p. 65)

Essa versão, vista como a mais aceita, ilustra bem a presença da imaginação, do desejo popular atrelado à história real e como se complementam; onde a lenda, os mitos terminam quando a história começa, sem anulações, mas com continuidades.

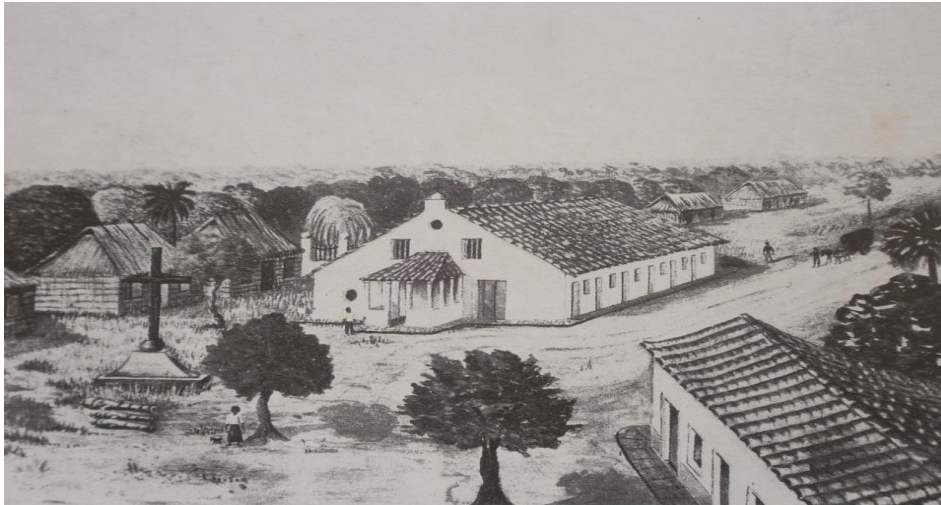
É interessante observarmos que em Portugal, nesta época, já existia o culto a São José e que não foi por acaso a escolha desse santo como intercessor dos navegantes portugueses em momento de aflição, e que, além de usar botas como uma referência aos navegadores portugueses, deu nome ao local onde foi construída sua capelinha. Por esta ter sido construída arriba do mar, que significa acima do mar, deu origem à denominação do lugar de São José de Ribamar.

Historicamente, no ano de 1612 chegou ao Maranhão um grupo de missionários Franciscanos a bordo da esquadra de Jerônimo de Albuquerque. Em 1624, o então governador Francisco Coelho de Carvalho determinou a colonização das terras de São José de Ribamar por meio da carta régia do rei da Espanha D. Felipe IV.⁷ Assim, no dia 27 de dezembro de 1627 nascia o Arraial de São José.

⁶ Entrevista realizada por José Ribamar Sousa dos Reis para compor seu livro *São Jose de Ribamar: a cidade, o Santo e sua gente*.

⁷ País sob o qual Portugal estava sendo comandado politicamente. Período que ficou conhecido como a união das Coroas Ibéricas.

Figura 4 - Arraial de São José de Ribamar em 1886



Fonte: Reis, 2001, p.49.

O município de São José de Ribamar ao ser colonizado por missionários era, primitivamente, aldeias dos índios Gamelas ou dos índios Grandes, localizada nas terras dos religiosos da Companhia de Jesus doadas por datas e sesmarias pelo governador do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, em dezembro de 1627. As terras de São José de Ribamar foram as primeiras que no Maranhão possuíram vice-província da Companhia de Jesus. (MARQUES, 1870 /apud / REIS, 2001, p.51).

Conquistada a elevação do arraial para a categoria de vila, a vida política da mesma começou a ser emancipada no início de julho de 1757 quando por meio de alvará, o governador Gonçalo Pereira Lobato Souza, depois de devolver a liberdade dos índios (até então sendo estes “conduzidos” pelos missionários, muitos deles em cativeiro), ordenou que fossem erguidas as primeiras casas, isto no final do século XIX. Conta-se que por volta de 1896 existiam menos de 20 casas, todas em torno da igreja.

De acordo com Reis (2001), após várias idas e voltas na política e na denominação do lugar e por várias vezes extinta e restaurada à categoria de município, finalmente, pela lei estadual nº. 758, de 24 de setembro de 1952, assinada pelo governador Eugênio de Barros, o município passou a se chamar Ribamar. Porém, a restauração definitiva do nome da cidade foi feita pela lei estadual nº 2.980, de 16 de setembro de 1969, que a partir de então passou a incluir o São José a Ribamar, ou seja, São José de Ribamar em homenagem ao santo milagroso.

2.1 Setembro: a festa do santo

“... Setembro, a primeira lua do mês, é dia da festa. É a única festa de santo que não tem dia certo. Seu dia é associado ao mar e a lua, como é a vida dos pescadores.”

(José Sarney).

A devoção se manifesta em gratidão do fiel ao santo carpinteiro, proporcionando no mês de setembro, o encontro desses fiéis iluminados pela religiosidade e pela luz da lua no santuário de São José de Ribamar, para participarem e fazerem acontecer o grande festejo de São José, para pedir e pagar promessas. A cidade se movimenta de forma a mudar o cotidiano de quem nela mora, em recebimento a uma enorme quantidade de pessoas cuja visita, seja para pagar suas promessas, batizar, casar, passear, pedir graças, agradecer milagres alcançados pela intercessão do glorioso São José, ou então, simplesmente, entregar-se a momentos de oração. Um misto de tradição e respeito envolve a fé dos devotos de São José de Ribamar.

Além das inúmeras romarias de devotos de todos os cantos do Estado e até de outros Estados como o Piauí, Tocantins e Pará, há a grande procissão que marca o auge da festa. Ela simboliza a peregrinação de Jesus com os israelitas, rumo à terra prometida e o povo de Deus quando carregava a Arca da Aliança, que é simbolizada na procissão pelo andor de São José.

Figura 5 – Andor de São José de Ribamar



Fonte: Elaborada pela autora, 2015

No ano de 2000 aconteceu a primeira procissão marítima em homenagem a São José, durante o festejo em setembro; embarcando da praia do Vieira, e terminando na praia do Barbosa. Durante a procissão são usadas imagens de São José e Nossa Senhora, que são conduzidas desde a igreja até o porto. Esta procissão acontece até os dias atuais com um número razoável de embarcações. Os pescadores são os grandes acompanhantes nessa procissão, como forma de gratidão e fé no santo do lugar, tanto por este também estar associado como intermediador das pescarias fartas, como por ter sido encontrado por pescadores em suas redes de pesca após vários sumiços da imagem do Santo de sua primeira capela, como reza uma das variadas lendas sobre São José.

Figura 6 – Procissão marítima em homenagem a São José de Ribamar



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Dessa forma, São José de Ribamar, para os maranhenses que nele acreditam, representa o mistério de luz e religiosidade que leva ao Senhor. A cidade do santo e o santo da cidade fundem-se ao som do mar. Assim, a magia de São José de Ribamar se espalha pelo mar, na brisa que sopra em todas as direções que cortam ruas e becos. Dizem os mais antigos ribamarenses, que de dez pessoas do sexo masculino, oito têm dois nomes próprios, um deles é José, graças a influência do Santo. Contam ainda que geralmente os casais maranhenses, em sua maioria, no início de gravidez, fazem logo uma promessa a São José de Ribamar, no sentido de que o recém-nascido não venha a ter problemas, e, em troca da graça, batizam a criança com o nome de José. Essa prática é mais comum na cidade de São José de Ribamar, onde se encontra um José em todos os cantos da cidade.

Os maranhenses elegeram São José de Ribamar, o santo carpinteiro, como protetor e intercessor das causas menos prováveis, fazendo dele o seu canal de comunicação com Deus; [...] pela sinceridade de suas preces, recebe bênçãos e milagres que formam uma imensa procissão de espiritualidade a contagiar e atrair multidões a esta cidade, de frente para o mar, que tem seu santuário como lugar acolhedor e repleto de esperança. (REIS, 2001, P.20).

Figura 7 - Andor da Sagrada Família de Nazaré



Fonte: Elaborada pela autora, 2014.

2.2 A pesca na baía de São José

“Navegar... E viver é preciso.”

(Autor Desconhecido)

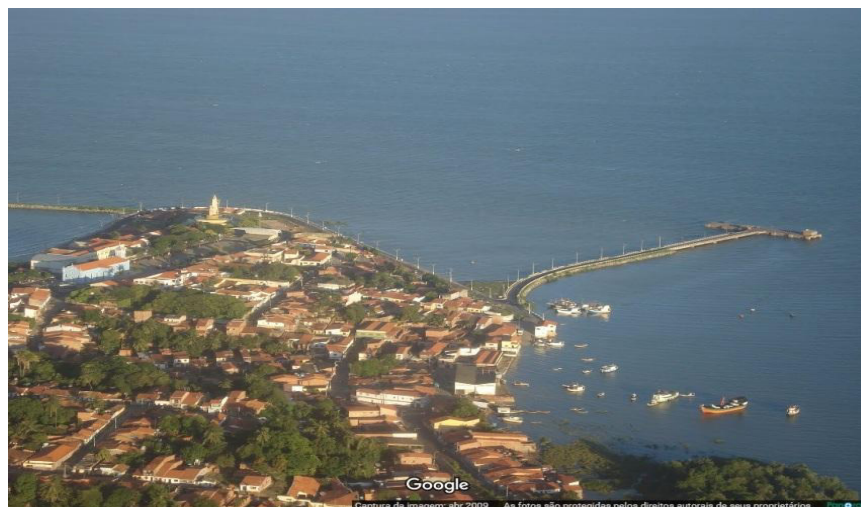
A baía de São José está localizada a leste da ilha de São Luís e a oeste do município de Icatú. Junto com as águas das baías de São Marcos e Cumã formam o Golfão Maranhense, situado no litoral nordestino. Suas águas, na vazante, correm em direção ao Oceano Atlântico. Na sua entrada, à direita, está localizado o arquipélago das Marianas, cujas principais ilhas são as de Santana, Carrapatal, Mucunandiba, Verde, Grande e Veado (REIS, 2001, P.37). Na baía de São José, por ter suas águas perigosas e por apresentar obstruções, a

navegação na baía é feita de maneira precavida e realizada por quem realmente conhece seus parais e seus bancos de areia.

A navegação na baía de São José é bastante prejudicada, principalmente na baixamar devido à grande obstrução provocada por recifes, bancos de areia e pouca profundidade de alguns canais. Entretanto essas características a tornam propícia para a atividade da pesca artesanal, exercida em pequenas embarcações e variadas técnicas de captura e coletas de peixes, mariscos e crustáceos. As amplitudes das águas chegam a atingir 8.10 metros no mês de agosto, quando ocorrem as marés das sizíguas⁸. Os ventos sopram geralmente do norte, nordeste e leste com rápidas variações em sua velocidade. (COELHO, 1996, p. 20 apud REIS, 2001, p.38).

A baía já foi, nos séculos passados, rota de grandes embarcações e também local de parada para as negociações de todos os tipos. Se agora não é mais assim, restou-nos sua utilidade para a sobrevivência local através da pesca, a qual se tornou atividade de primeira importância na região, assunto ao qual darei uma atenção maior mais à frente.

Figura 8 – Baía de São José



Fonte: Google Maps, 2016.

José Ribamar Souza dos Reis, escritor, pesquisador e amante da cidade de São Jose de Ribamar- em seu livro *São José de Ribamar: a cidade, o santo e sua gente*, 2001- comenta que, de acordo com a opinião de alguns historiadores, a baía de São José foi o local em que os portugueses da Armada Milagrosa derrotaram os franceses, configurando assim a famosa batalha de Guaxenduba, em que a proteção do céu teria se manifestado e ajudado a criar a lenda de Nossa Senhora da Vitória, elevada a padroeira de São Luís. Como não há uma

⁸ Maiores amplitudes durante a lua nova e cheia, produzindo as maiores marés altas ou baixas.

comprovação oficial, essas são consideradas suposições que podem ser de um pensar ainda obscuro da nossa história que precisa ser pesquisado mais a fundo.

[...] O Estado do Maranhão possui o segundo maior litoral do Brasil, menor em extensão apenas em relação ao da Bahia. Essa vastidão litorânea acentua o perfil e a vocação de ser um estado pesqueiro; no entanto, a atividade pesqueira não é praticada somente no litoral, ela se expande para os rios, lagos e açudes, existente de norte a sul do Estado. (BOTELHO, 2007, p. 235).

A pesca assumiu um papel significativo na economia maranhense, seja pela exportação do pescado, do seu comércio, sobretudo nas feiras das cidades ou ainda como forma de subsistência das famílias, muitas das quais dependem diretamente da pesca para sua sobrevivência, e o município de São José de Ribamar é um nos quais a atividade pesqueira é de grande importância para a sua economia como para as muitas famílias que dependem da pesca. A predominância da pesca nesse município é a artesanal com a utilização de instrumentos improvisados, trata-se de uma pesca que envolve instrumentos rudimentares como anzol, linha, isca e que não conta com a utilização de equipamentos modernos, sendo a atividade que constitui a base econômica da cidade, embora se observe um aumento do número de barcos motorizados.

Figura 9 - Pescadores ribamarenses



Fonte: Ferreira, 2015.

Em relação ao pescado, sua produção é considerável, já que, além de abastecer o mercado interno, exporta-se principalmente, para a capital São Luís. As espécies de peixes fígados nas águas ribamarenses são muitas, destacando-se: pescada amarela, peixe-pedra, serra, tainha sajoba, tainha pitíua, arraia, corvina, cangatã, cambel, uritinga, cação; na coleta

de crustáceo, destaque para o sururu, sarnambi, siri, caranguejo, ostra, etc. (REIS, 2001, p. 108).

A pescaria é feita na baía de São José com a utilização das técnicas artesanais. Tais técnicas vem sendo, aos poucos, esquecidas por muitos, devido à falta de interesse dos mais novos pela atividade, mas ainda sobrevive graças à dedicação de homens que veem na pesca sua sobrevivência e que a conseguem manter através do tempo. Homens esses que são amantes do mar e da pescaria, que não hesitam em seguir Paulinho da Viola quando canta: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”.

Os pescadores, em sua maioria, são homens de características simples, que não puderam ter acesso a uma escolaridade mais abrangente, geralmente por motivos de necessidades como: ajudar o pai, na busca de suprir as necessidades básicas de suas famílias, como alimentação e moradia, ou, em outros casos, desde menino, já assumir a responsabilidade do pai, na ausência dele por morte ou abandono.

Os pescadores ribamarenses são homens que buscam no ofício da pesca sua garantia de vida. Geralmente, sabem assinar seus nomes e fazem contas. Não são considerados analfabetos, sabem o essencial para gerirem suas finanças. Buscam na pesca uma forma de continuarem os ensinamentos deixados pelos mais velhos, homens com quem aprenderam a respeitar o mar e seus variados espaços com seus “donos”.

Ensinamentos esses que permitem uma pesca segura e prolongada, proporcionando uma pescaria farta, que varia desde a escolha das iscas, passando pela escolha das linhas e dos anzóis até a área propícia para a pesca em um determinado período do ano, mês ou semana, e ainda a fase da lua para se determinar o melhor horário e melhores marés, constituindo-se assim grandes artesãos da pesca. Nesse ínterim, os apetrechos de pesca, na sua grande maioria, são confeccionados pelos próprios pescadores, como as redes, linhas com iscas, puçá (tipo de rede propícia para a captura de camarões) etc.

Figura 10 – Atividade de pesca



Fonte: Elaborada pela autora, 2015

Discorrendo sobre a temática, Ayres(2000, p.13) assegura:

A frota pesqueira ribamarense é composta de embarcações construídas nos próprios estaleiros locais onde são empregadas técnicas primitivas. Os estaleiros são montados nos fundos de quintais, nas praias ou embaixo de uma árvore. Uma ramada, uma caixa de ferramentas, uma pilha de madeira e uma bancada, eis alguns materiais necessários. A existência de uma estrutura de madeira - o cavername - é o que identifica um estaleiro artesanal onde trabalham carpinteiros navais, calafates, ferrageiros, pintores.

A simplicidade da estrutura permite uma grande mobilidade. Se for preciso construir um barco em outro lugar, o carpinteiro leva as suas ferramentas, sua arte e conhecimento e outro espaço é transformado em estaleiro.

As embarcações de pesca existentes no município são, na sua maioria, movidas a remo, a vela e uma quantidade crescente movida a motor. Atualmente, essas embarcações dispõem em sua maioria de motor, ficando a cargo do mestre o uso desse equipamento ou da vela, muitas vezes sendo o uso determinado pelo lugar de pesca e pela força do vento.

Entre as embarcações mais usadas pelos pescadores artesanais no litoral maranhense predominam as que utilizam a vela, que usam o vento como força propulsora. Destaca-se com maior uso as bianas, igarités, bastardos (pequenas embarcações com fundo liso) e barcos, que possuem em média a extensão entre cinco a quinze metros de comprimento, por um e meio de largura (REIS, 2001, p. 126).

Os pesqueiros (locais de pescas) mais demandados pelos pescadores de São José de Ribamar são os localizados em recifes (corais), foz de rios (barras), margens de manguezais, rios, igarapés e canais (locais de média e pequena profundidade). Estes pontos de pesca detêm uma grande capacidade de reprodução marinha, devido à farta alimentação que o ambiente proporciona, (REIS, 2001, p. 133). Além desses, existem outros pesqueiros muito populares entre os pescadores, como: Cachimbo, Cangatã, Os Pretos, Cararaí. Como dizem os pescadores, a “Baía de São José é muito mar!”.

Do Santuário, temos a mais bela vista do mar e da baía de São José com suas embarcações a velas. As canoas que chegam com o movimento das marés e dos ventos, quase sempre trazendo como carregamento o peixe-pedra, espécie mais comum nesta região e que ainda é possível pescar de forma artesanal. Embora as intempéries do mar e da vida sejam comuns, existe por parte desses pescadores de peixes e de sonhos, uma gratidão para com a natureza em propiciar um vasto mar de possibilidades e alimento. Adentrando seu mundo sagrado, o pescador agradece a Deus, ao mar, a São José e a São Pedro, o santo padroeiro dos pescadores. Este último é homenageado todos os anos no dia 29 de junho com festas e procissão marítima, sendo celebrado como guia, protetor e mestre primeiro dos pescadores.

Figura 11- Procissão marítima em homenagem a São Pedro



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

3 HISTÓRIAS DE PESCADORES: entre o real e o imaginário

Em seu artigo sobre a discussão historiográfica acerca do imaginário e mentalidade, Barros (2004) descreve que,

[...] habituados a um mundo rural fechado em redes senhoriais e controles privados, que só conheceria uma reintensificação do comércio a partir do século XII e que, mesmo neste processo de reurbanização, será um mundo de cidades muradas e de castelos fortificados; ou acostumados desde a mais tenra infância a partilhar a vida diária entre as permanências pagãs e um sobrenatural religioso cristão; assaltados outras vezes pela peste e pelas invasões de povos que lhes pareciam bárbaros. Os homens medievais desenvolveram uma série de medos que eram partilhados pela totalidade social. Apesar das transformações políticas e sociais a partir do século XIII, os homens da Baixa Idade Média e do princípio do período moderno haviam herdado permanências seculares, que só poderiam ser alteradas em ritmos muito lentos ou com estímulo de alguns dos acontecimentos traumáticos do princípio dos tempos modernos.

Percebemos como as ditas permanências seculares se enquadram na longa duração tanto trabalhada por Le Goff e por Georges Duby, como o medo sempre esteve presente no imaginário medieval. Nesse período ninguém duvidava da existência de outro mundo, de uma continuação da vida após a morte. O sobrenatural se fazia tão presente quanto o natural. O medo dos castigos e do inferno era grande. As imagens sacras lembravam a todo instante a grandeza do castigo aos pecadores e as bênçãos aos merecedores no mundo pós-morte. Ainda não estava difundida entre os homens daquela época a ideia do Purgatório que, segundo Jacques Le Goff, consolidou-se, a partir do século XII.

Havia o medo do que estava por vir, do castigo e o pânico do inferno que fez com que a igreja institísse o purgatório, justamente num momento em que os movimentos comerciais de trocas e negociações no medievo do séc. XIII estavam no ápice, o que nos permite fazer uma relação paralela do comércio com a relação pessoal com Deus, onde é possível uma negociação, tornando-se o purgatório um local intermediário onde há a possibilidade de redenção dos pecados, criando um terceiro caminho, mesmo que intermediário, assim, além do paraíso e do inferno agora se tem o purgatório e a possibilidade de uma nova chance.

O “outro mundo” era preocupação constante e fazia da morte um ritual de solidariedade ao corpo do falecido. Ocorriam ritos de passagem que reuniam familiares e envolvia tempo de preparação. Os rituais religiosos iniciavam-se antes da morte, quando o indivíduo despojava-se dos seus pertences e arrendia-se dos seus pecados. Tudo na tentativa

do indivíduo sobreviver ao inferno descrito e imposto pela Igreja, como arma para induzir a população a viver segundo suas leis e regras.

Podemos mencionar o medo do mar, o medo do desconhecido, o medo da noite, o medo das florestas não desbravadas que constituíram verdadeiras fronteiras internas ainda nos tempos feudais, o medo dos leprosos e da peste negra, e, sobretudo o medo do “outro” – que podia se voltar contra os judeus, contra os muçulmanos, contra as bruxas ou contra os simples forasteiros. Medo, por fim, do Diabo, a quem os vários “outros” eram constantemente assimilados.

Laura de Melo e Sousa, em *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, reconhece as apropriações do Medievo no Brasil colonial. Partindo de uma delas, como já salientou Jean Delumeau, em a *História do Medo no Ocidente*, a ideia de demônio é um elemento sólido na cultura europeia, mas que foi consolidado na figura de um ser atormentador de homens e inimigo maior das causas de Deus durante o Medievo. Assim, ele foi condicionado a outro elemento do Medievo - os bestiários - cuja origem remonta aos relatos de Heródoto sobre as formigas gigantes, cobras voadoras, cobras com chifres, a fênix.

Sobre o bestiário, Fonseca (p.77,78) descreve que,

Um Bestiário e seus vários códices, florescidos principalmente a partir do século XII e cultivados até os séculos iniciais dos tempos modernos, eram originalmente espécies de cópias manuscritas, de autoria anônima, por vezes, ricamente ilustradas, onde se compendiam informações sobre animais, desde os mais familiares à convivência humana até os mais selvagens, exóticos, ou mesmo concebidos imaginária e miticamente. Essa menagerie medieval comumente antologizava, ao lado de animais domésticos e próximos ao homem, animais selvagens, exóticos (como o leão, o tigre, o elefante, o camelo), imaginários, híbridos ou não [...]”⁹

No Brasil colonial, criaturas míticas como a figura da sereia, o lobisomem, os hipocentauros e outras criaturas do bestiário, que permeavam o imaginário europeu e os quais, muitas vezes, foram confirmados pelos índios como sendo cultivados na colônia brasileira, e que Sérgio Buarque de Holanda aponta como visões do exemplo do imaginário antigo-medieval na colônia.¹⁰ Visões estas que atravessaram não só o Atlântico, mas o próprio tempo, resistindo a ele, o que Le Goff chamaria de uma sobrevivência pautada em sua longa duração.

⁹ FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Identidade Bestiária na Colônia: Monstruosidade nas crônicas sobre o Brasil do séc. XVI e XVII. P.77,78.

¹⁰ Retirado dos Anais do II Encontro Internacional de História Colonial disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais

Nos dias atuais encontramos essa resistência de mentalidade, que embora seja aos poucos moldada pela própria passagem de tempo e por seus novos agentes, ainda resiste em homens que continuam acreditando em seres de outros mundos, na força da natureza, no poder da imaginação e que respeitam e temem as coisas que veem e que ouvem e que, de certa forma regem seus costumes, suas tradições, suas viagens e suas vidas.

3.1 O mar e suas representações

“Mar variável onde todo temor abunda”

(Jean Delumeau)

O mar, desde sempre, foi um universo cheios de surpresas, que estimula a imaginação do homem ao longo do tempo e da história. Foi, desde os primórdios, um dos primeiros campos de onde o homem retirava o alimento para sua sobrevivência, fazendo da pesca uma das mais antigas e nobres formas de trabalho que sobrevive ainda hoje.

O mar foi visto e imaginado de diversas formas e maneiras, que fizeram dele um lugar onde tudo seria possível, do real ao imaginário ou do imaginário ao real, pois se trata do universo mental e imaginário que também constitui o mar e seus agentes (incluindo o homem), o qual dá o poder necessário à existência do medo e da coragem no que diz respeito ao desbravamento do mar, tornando-se fluidas as fronteiras entre real e imaginário.

Jean Delumeau, em *História do medo no Ocidente* (2009), na introdução intitulada “o medo é natural”, faz uma abordagem sobre os medos da humanidade até articular-se com o medo do mar, à medida que descreve o mar como o lugar do medo, da morte e da demência, o abismo devorador dos vivos, o lugar representado como domínio do Satã e das potências infernais. Na mentalidade coletiva, desde a época medieval, o mar está relacionado com o pecado; é onde abundam seres devoradores. Mesmo com o avanço da cartografia, o medo continua presente a partir de relatos de viagens, especialmente nas crônicas de navegação por terra santa, relatos épicos como *Os Lusíadas* de Camões e também através das tempestades, que muitas vezes a crença era de que estavam associadas à feitiçaria, fazendo com que o homem retornasse ao caos primitivo da criação do mundo.

Priore (2000, p. 24) também relaciona o grande dilúvio relatado no livro do Gênesis e o patriarca Noé com a existência de raças monstruosas “[...] Santo Agostinho já abordava a questão dos monstros a partir do problema da descendência de Noé. Pois se o

dilúvio teria renovado toda a população da terra, essas raças monstruosas descenderiam, elas também, do patriarca”.

Jean de Léry foi um dos primeiros viajantes e narradores renascentistas da *Terra Brasilis*. Nada se sabe da primeira infância desse autor. Sua vida parece iniciar-se quando ele decidiu estudar Teologia e seguir os passos de Calvino. Ao participar das navegações, e relatar sua vinda e permanência ao Brasil, das histórias que ouviu junto ao povo nativo, Léry refere-se ao aspecto do pensamento medieval, o qual admitia que “tudo o que existia num determinado elemento do universo tinha uma contraparte em outro elemento” (LÉRY, 1980, p. 19 apud FRANÇA, 2009.). Dessa forma, se existia um homem que habitava na terra havia um homem que habitava no mar. Apesar dessa relação de semelhança, existia uma conotação de monstruosidade sobre a espécie correspondente. É ligado a esse pensamento medieval que o cronista francês nos remeteu à figura do tritão, da sereia e do bugio marinho.

Com efeito, registrou Lery:

Não quero omitir a narração que ouvi de um deles de um episódio de pesca. Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ele tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d’água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. (LÉRY, 1980, p. 164 apud FRANÇA, 2009)

Não se sabe ao certo de que animal ele tratava nessa passagem, se de uma sereia, de um tritão ou de um bugio marinho, porém fica evidente a existência no mar de variadas espécies de animais e bestiário, segundo a mentalidade da época medieval.

Laura de Melo e Souza, em *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, no primeiro capítulo, intitulado de “O Novo Mundo entre Deus e o Diabo”, faz referência às grandes viagens e aventuras marítimas e como elas aconteceram sobre forte influência do imaginário europeu, principalmente em relação ao Ocidente, à descoberta do Novo Mundo. A autora cita relatos de viagens feitas por desbravadores de mares para então chegar ao medo que muitos desses homens tiveram em relação ao mar, através das grandes narrativas, do simples ouvir, em uma época em que o ouvir falar valia mais que o ver. Enfim, na medida em que essas narrativas estimulavam suas curiosidades, também aumentavam seus medos.

É interessante observar o antagonismo em relação ao significado da água doce ou salgada nesse contexto de mar, pois ao passo que a água do mar é vista como o lugar em que

emergem as monstruosidades e seres indomáveis, de origem da vocação demoníaca, essa mesma água é vista como a purificação dos loucos, dos “impuros” de Portugal, pois através das viagens marítimas o homem pode ser condenado ou abandonado ao mar junto da incerteza da sorte.

No século XV, a expansão ultramarina articulou e fundiu o purgatório e o degredo como função purificadora por intermédio da travessia marítima. Ou seja, os “filhos malditos” de Portugal eram condenados e tinham como degredo passar pela experiência das águas torturantes dos oceanos e serem julgados pelo próprio mar, a sua sobrevivência era vista como sua própria purificação.

3.2 Adentrando o mundo imaginário dos pescadores

“Vejo a humanidade como se fosse o mar”

(José Saramago)

No misterioso universo pesqueiro moram temas que aderem ao imaginário popular e retornam ao convívio consciente relatadas nas histórias individuais e coletivas dos pescadores ribamarenses. Assim, nos relatos são citadas histórias de bichos. Sabemos que os igarapés e mares são rodeados de animais de variadas espécies, de peixes, répteis, aves e mamíferos, assim, parece natural o grande repertório de histórias de animais entre pescadores, incluindo as histórias de lobisomem e cavala-canga, seres pertencentes ao mundo encantado, que nos remetem ao imaginário medieval e presente através da longa duração do campo das Mentalidades incutido em homens que mesmo sem saber o porquê respeitam as coisas e gentes desse e de outros mundos.

Muitas são as histórias que vêm de longa data e se estendem por todo o país, a exemplificar as histórias indígenas trabalhadas por Couto de Magalhães (1837-1898) em seu livro *O selvagem* no qual trabalhou relatos de bichos como a raposa, e Câmara Cascudo (1984:90), folclorista, ambos já faziam uma análise dos contos indígenas de animais, colocando-os como tendo um papel importante nas narrativas orais por todo o país.

As histórias de pescarias são grandes relatos que tem uma longa tradição na cultura brasileira por todo o país e envolvem vários tipos de relatos com seres imaginários como visões de mulheres lindas (as ditas sereias), crianças e encantados; outros relatos que se seguem são as histórias enigmáticas com presenças também de coisas e seres imaginários,

visões e visagens de animais. Esses relatos fogem da realidade comum e entram no campo misterioso, encantatório, do inexplicável racionalmente. É uma considerável população de seres sobrenaturais que transita no mar e em terra firme.

Mitos antigos, personagens folclóricos, histórias de assombração, de protetores da mata, lagos e mares, tudo permeado de muito medo. Uma característica das histórias de pescadores, de modo geral, diz respeito a sua natureza fantasiosa ou real. Não nos cabe aqui querer decifrar se a história narrada é verdadeira ou não, o que nos interessa é a postura do contador em relação a sua história e o seu conteúdo.

As histórias de pescarias contam sobre as muitas qualidades que fazem do pescador um herói e que embora incorporem elementos do imaginário medieval, onde não se duvidava da existência de outros mundos, de seres inatingíveis e mesmo com o medo presente rondando as noites escuras e as marés bravas. Os pescadores são portadores de sorte e de habilidades na pesca que fazem deles grandes sobreviventes e aventureiros do mar e da vida.

Nos relatos de seres imaginários com que nos deparamos, ouvimos sobre a história da mulher que se transforma em cavala-canga, deixando sua cabeça em casa e transformando-se no corpo de um cavalo. Esta, derivada das histórias sobre lobisomem, o homem que se transformava em uma fera, seres que foram introduzidos no Brasil pelos europeus. Assim, “O lobisomem foi trazido pelo colono europeu. Está em todos os países e épocas, com histórias espelhadas, sob vários nomes registrados nos livros eruditos. É um dos mitos mais complexos e escuros pela ancianidade e divisão local.” (CASCUDO, 2002, p. 172 apud CÂMARA, 2007, p. 115)

Enquadrando nesse contexto, a história de seu Edvaldo, que narra sobre um homem que se transformava em jumento e atacava as pessoas, e a de seu Adelino Pinto, que narra sobre a mulher que se transformava em cavala-canga. Nesse universo imaginário, identificamos os seguintes elementos:

- 1) De noite, um homem ou mulher se transforma em um bicho parecido com cachorro ou cavalo;
- 2) Esses bichos atacam pessoas e os próprios animais indefesos;
- 3) Um homem fere um lobisomem ou outra espécie de bicho, geralmente com arma de fogo ou facas;

- 4) No dia seguinte é descoberto, por alguma marca no corpo, o homem ou mulher que virou monstro.

É importante observar que os monstros ou bichos sempre saem vivos quando feridos por suas vítimas. No relato de seu Edvaldo, ele conta da ferida feita no jumento por sua vítima e ainda assim sobreviveu e fugiu, sendo descoberta sua verdadeira identidade através do ferimento.

Outros seres são apresentados como guardiões dos mares e das vegetações. Essas entidades tem função de guardar e proteger seus locais de sobrevivência de qualquer interferência que possa quebrar a ordem natural de seu habitat. A origem desses guardiões provavelmente é indígena. Aqui eles encontram-se nas formas de animais e gentes, como são os casos dos camaleões e belas mulheres na beira dos mares ou ainda de homens encantados vigiando pescadores ao pescar.

As histórias de seres de outro mundo estão relacionadas a fenômenos de difícil entendimento e situações que envolvem medo. As histórias de seu Daniel, seu José Gonçalo e seu Edvaldo tratam desse assunto, apresentando entidades que muitas vezes são chamadas pelos pescadores de assombração, mesmo quando se trata de seres inanimados como a grande embarcação que seduzia e levava pescadores à destruição e à morte.

As crenças em assombrações remontam a séculos e fazem parte da tradição do culto aos mortos que tem espaço em nossa cultura desde as mais antigas civilizações. No imaginário popular, o morto manifestava-se por meio do espírito e voltaria à vida, possivelmente, para resolver problemas que ficaram pendentes antes da morte.

Seu Eivaldo Silva fala de assombrações em forma de assobio que espantavam e até paralisavam o pescador, uma espécie de encantado. Aqui este não se apresenta como uma assombração em si, mas como vultos e sons de assobios. Em outra narrativa, seu José Gonçalo fala das intempéries da natureza que o pescador vive. Ele narra sobre o medo diante das manifestações naturais, a sujeição do pequeno ser humano frente às grandes tempestades. Ele conta sua experiência ao ir pescar e deparar-se com o mar furioso, chegando a quebrar sua embarcação e ainda conseguir sobreviver pela graça de Deus, por achar que ainda não era para ser o dia de sua morte. Isso tudo depois de um sonho que ele teve.

Muitas dessas histórias foram vividas, outras ouvidas e ensinadas. No decorrer das descrições identificaremos a proximidade de cada autor com as narrativas.

3.3 Um breve histórico dos pescadores

Por trás da figura do contador de histórias existe um ser humano cheio de ricas experiências de vida - grande parte adquirida na pesca, o que influi diretamente em suas famílias, pois muitos deles passam dias, semanas e até mês no mar. Por saberem que boa parte do sustento vem dessa atividade e que a distância, às vezes dolorida, angustiante e esperançosa, que é necessária e primordial para a realização e busca do sustento familiar, é que estes pescadores estão irrigados de saberes, de costumes, de crenças que formam e estão presentes no seu cotidiano.

Assim, apresentamos alguns costumes dos pescadores e suas famílias: em casa de pescador não deve ter chinelo virado com alça para o chão, pois atrai momentos negativos para a pesca, além de remeter à embarcação virada, a naufrágio; Em casa de pescador não se senta em janela, não se varre casa após a saída do homem para o mar (quando sai pra pescar), os dias santos são respeitados e quem não está no mar permanece fora dele, são sinais da crença nesses fatos. Há também, o dia de águas e ventos, na primeira segunda-feira de agosto, na qual não se vai pescar devido aos fortes ventos que fazem das águas mais perigosas para o pescador. Estes são exemplos que manifesta o respeito a todas as forças da natureza que regem a vida desses homens pescadores no mar e em terra firme.

Todos os personagens apresentados neste trabalho têm ou tiveram a pesca como sua primeira e única profissão, excetuando alguns que aprenderam o ofício da carpintaria como uma atividade extra para aumentar a renda da família, nos dias em que estes pescadores estiverem em terra firme, que são os dias dedicados à manutenção das embarcações como consertos de redes, motores ou questões da estrutura física dos barcos como pinturas, retiradas dos cascalhos no fundo da embarcação, recolocar estopas para evitar alagamentos etc.

Para apresentar os pescadores trouxemos algumas informações pessoais a fim de melhor conhecê-los.

Seu Edvaldo

Nome: Edvaldo Santana

Apelido: Edvaldo

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 30/01/1946

Lugar de nascimento: Mamuna-Icatú-MA

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Fundamental incompleto

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: Pesca desde os 12 anos de idade.

Data da visita: 19/05/2015

Observações: Mora em São José de Ribamar desde os 5 anos de idade e aprendeu a pescar com o pai para ajudar no sustento da família. Vive junto com Maria Gorete, sua esposa há 40 anos e tiveram 6 filhos. Aposentado. Não pesca mais devido a problemas de saúde.

Seu Zé Tavó

Nome: José Gonçalo dos Santos

Apelido: Zé Tavó

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: Teve seu registro alterado. Tem 98 anos.

Lugar de nascimento: São José de Ribamar – MA.

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Aprendeu a ler e escrever em casa.

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: Pesca desde menino.

Data da visita: 20/05/2015

Observações: Aprendeu o ofício com o pai. Em uma união estável com sua primeira mulher tiveram 9 filhos. Ela faleceu com complicações no parto. Parou de pescar a pouco tempo.

Seu Daniel

Nome: Daniel Gomes da Silva

Apelido: Daniel

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 30/01/1946

Lugar de nascimento: Natural de Icatú- MA

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Fundamental incompleto

Religião: Católico não praticante

Tempo de trabalho na pescaria: Pesca desde os 12 anos de idade

Data da visita: 18/09/2015

Observações: Já é aposentado, mas continua pescando por prazer.

Seu Ladico

Nome: Adelino Pinto Lisboa

Apelido: Ladico

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 27/06/1942

Lugar de nascimento: Achuí-Icatú –MA.

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Aprendeu a ler e escrever o básico.

Religião: Católico não praticante

Tempo de trabalho na pescaria: Começou a pescar com o pai aos 10 anos de idade.

Data da visita: 14/03/2015

Observações: Mora em São José de Ribamar desde os 12 anos de idade. Além da pescaria, é carpinteiro. Aposentado, mas continua a pescar por prazer e para aumentar no orçamento da casa. Mora com Maria Vitória há mais de 30 anos. Tem 3 filhos.

Seu Dedé

Nome: Adelino Costa

Apelido: Dedé

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 22/06/1936

Lugar de nascimento: São José de Ribamar-MA.

Situação civil: Casado

Escolaridade: Fundamental incompleto.

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: mais de 50 anos

Data da visita: 10/11/2015

Observações: Aposentado. Tem 4 filhos, netos e bisnetos. Em suas palavras, “*Nasci meus dentes pescando*”.

Seu Edilson

Nome: Edilson Marques Rodrigues

Apelido: Edilson

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 07/01/1969

Lugar de nascimento: São José de Ribamar–MA

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Fundamental incompleto.

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: 30 anos

Data da visita: 15/11/2015

Observações: Mora com Dona Soraya e tem 3 filhos.

Seu Barrão

Nome: Carlos Alberto Marques Lima

Apelido: Barrão

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 15/08/1953

Lugar de nascimento: São José de Ribamar–MA.

Situação civil: Solteiro

Escolaridade: Fundamental incompleto.

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: 50 anos

Data da visita: 23/11/2015

Observações: Aposentado. Fez em sua casa um pequeno comércio para ajudar nas despesas. Em suas palavras, “*A profissão sempre foi essa: pescar, tecer rede, remendar rede e entralhar rede [...]*”

Seu Vavá

Nome: Euvaldo Silva.

Apelido: Vavá

Cidade: São José de Ribamar

Profissão: Pescador

Data de nascimento: 5/01/1959

Lugar de nascimento: São José de Ribamar

Situação civil: casado

Escolaridade: Fundamental completo

Religião: Católico

Tempo de trabalho na pescaria: 20 anos

Data da visita: 2/12/2015

Observações: começou a pescar depois que ficou desempregado. Geri um bar na sua casa. O pai sempre foi pescador com quem aprendeu o ofício.

3.3.1 As histórias contadas a partir de seus narradores

Diante das histórias contadas deparamo-nos com um universo mítico particular, absorvido pela mentalidade e imaginário local junto com as experiências vividas de cada um.

Acostumados a ouvirmos que história de pescador é conversa sem credibilidade, nos deparamos com homens que, na sua simplicidade, contam com extrema grandeza de detalhes o que seus olhos presenciaram ou o que seus ouvidos apuraram, principalmente envoltos na pesca, no mar e na noite. Em suas histórias encontramos verossimilhança nas palavras e no olhar, na convicção do que falavam, que muito nos contagiou, nos fazendo repensar em um mundo alheio ao nosso, um mundo cheio de segredos, de seres que se permitem ou não serem visto, vivido ou entendidos.

Vamos entrar no modo de cada um fazer e contar sua história e assim descobrir suas particularidades. As histórias foram transcritas guardando suas peculiaridades linguísticas e originalmente contadas sem títulos; o que atrevemo-nos a dar posteriormente para algumas delas um título, segundo o enredo da história.

Começamos por seu Edvaldo:

1 Seu Edvaldo

1.1 O homem que virava bicho

-Aí aqui na porta da casa dele- meu sogro- tinha dois pés de coqueiro, dois ou era três, dum lado pro outro que era pra atravessar, num sabe? Que quando ele abriu aqui a porta o bicho botou nele né?

-Aquele tipo um jumento, um jumentinho novo. Se botou pra ele e ele vinha com a faca na mão esquerda, que ele era canhoto. E não sei que foi que o bicho resolveu que ele cortou o bicho. O bicho caiu lá dentro dum buraco. Aí ele entrou, a casa dele era tapada de palha nesse tempo, palha de coqueiro, e ele entrou pra pegar a lamparina. Olhou lá, tava só o ensanguieiro. Ta vendo?!

-Nada do bicho?

- O bicho não tava, tinha ido embora.

-Ele (o pai da Gorete) foi pescar. Quando ele chegou de tarde, ele soube que tinha um cara ali pro São Benedito muito mal e que era amigo dele, do velho aqui. Aí rapaz ele vai olhar... Quando chegou lá o traste tava cortado.

-Do mesmo jeitinho que ele cortou o bicho?

-hanham. Não! Mais ele cortou o animal, mas quem tava cortado, era ele lá, o cara.

-Eu sei. Quando ele chegou o homem estava cortado do mesmo jeito... (interrompida)

-Ele (o homem cortado) falou com ele: cumpade, sô! tu fez isso com ele...

Isso aí foi história do velho quando era vivo que me contou isso aqui.

1.2 Olho de camaleão

- Tinha um cara na Crôa Alta. Lá era lugar de muito camaleão. No mangue tinha demais. Teve um cara aí que ele ficou cego porque ele pegou um camaleão e chuchou o olho dele. Eu ouvi falar que ele ficou cego, ceguinho, ceguinho.

- Aconteceu muitas coisas...

1.3 Não faça com o outro o que não se quer para si

-Nina macaco foi pescar. Era um cara bonito, era um cara novo e aí ele pescava. E já tinha mulher, tinha um filho. Um cara trabalhador e um cara vistoso que ele era. Ele não morreu não, tá vivo, ele mora lá no Turiúba. Aí ele chegou - parece que foi na Crôa Alta mesmo - ele olhou lá um ninho de passarinho com seis ovinhos. Aí ele pegou um pau e quebrou os ovos

tudinho e ainda mexeu ainda. Olha e ele saiu bonzinho de lá, mas chegou aí (apontando com a boca para praia do Caúra)... derna desse dia ele não sabe mais nada, nada, nada, nada.

-Tinha vez que nego encontrava ele ali na praia... ele ficou vacilando, quer dizer que ele perdeu o sentido, a razão. Ele andava até nú. Dormia em canoa, sozinho e nem ia dormir na casinha dele.

2 Seu Zé Tavó

2.1- Encantado

- Meu irmão Bento que morava ali (fazendo sinal com a boca para o lugar) desde cedo foi pescador. Ele foi pescar mais Martimiano que morava mais dona Doninha, mãe de dona Maria, que morava na Rua do Sol com um rapaz chamado Capim que tinha uma canoa e pescava. Aí ela tinha um filho na cidade (referindo-se a cidade de São Luis) chamado Omero. Omero veio pra cá, pra casa da mãe dele e começou a pescar. Aí foi mais Martimiano e meu irmão Bento, todos dois já morreram.

- Na canoinha, eles foram vender peixe na cidade. Peixe serra que não tinha valor nenhum. Quando na vinda que ele veio de lá, quando chegou no canto, nesse mesminho que a gente tá agora aí, ele...(parou pra pensar e retomou a história)

- O peixe serra pulou (plaft, plaft- imitando a queda do peixe). Aí rapaz, pulou um peixe serra que foi um porreta, grande, bonito. Aí por poucos minutos ele pulou de dentro da canoa pra fora (tchá... - fazendo o som). Pulou pra fora da canoa (chap- fazendo o som da caída). Ele chalerava pra agarrarem ele e ele fazendo com a mão assim (acenando com as mãos).

- Quase se alagam e não tinha vento! A canoa quase se alaga e não tinha vento. Quase se alaga pra pegar ele. Só não teve problema mais porque o Bento morava com a mãe dele e contou como foi e como não foi.

- Hoje em dia, ele é encantado no banco do cavalo. Dona Doninha foi pro tambor, ele chegou e encantou nela. Ele se desencantou no banco do cavalo e encantou nela dizendo que era Omero.

2.2 Navio da pedra grande

- Navio da pedra grande era encantado - meu pai que me contava muitas coisas. Eu também já vi foi muitas coisas comigo na minha canoa.

- A canoa ia saindo daqui pra pescar no Papagaio, aí a minha canoa era uma canoa que andava muito, a minha canoa. Aí quando de noite - noite de lua cheia - eu olhei assim, eu vi uma canoa vim atrás da minha assim como uma distância daqui lá naquela casa (gesticulando para o outro lado da rua) eu olhei a canoa assim...mas aí não disse nada. Que essas coisas a gente não diz, não conta.

- *Ela veio, veio, veio, veio passou a minha, saiu na frente e foi embora pro Papagaio. Aí eu fiquei assim e só ouvia a zuada. A canoa passou por cima do banco de areia, a outra canoa e se eu passasse eu ia me acabar.*

- **Se vocês seguissem a outra canoa iam bater no banco e naufragar?**

- *Sim. Muita canoas no Papagaio já bateu nos bancos de areia. Eu segui meu caminho.*

2.3 O homem misterioso

- *Um dia chegou um cara num barco, uma pesqueira cheia de farinha. Entrou na barra de São João. São João fica aqui no Norte. Lá só mora gente gaga lá no banco do São João chama praia de Lençol. Quando foi de noite chegou um cavaleiro:*

- *Rapaz tem coisa pra vender aí?*

- *Tem farinha. Tem farinha pra vender.*

- *Eu quero comprar aí uns cinco paneiro de farinha.*

- *pra quê essa farinha toda Sô?*

- *Botou a farinha dentro d'água. Ele mandou botar né?!*

- *Quem vai buscar o dinheiro? Perguntou o cavaleiro.*

- *Eu vou. (respondeu um cabra).*

- *Então monta no cavalo.*

- *Ele montou no cavalo atrás e disse pro cabra fechar os olhos e ele fechou. Quando ele se espantou já tava na cidade. O cara passou, pegou o dinheiro da farinha e deu pra ele e disse:*

- *Agora monta no cavalo. Olha o que você vê aqui, você não vai dizer.*

- *Há! Não vou dizer não. (Respondeu o cabra)*

- *Aí ele não disse. Quando ele voltou com o dinheiro, o caboco (dono da farinha) perguntou:*

- *Rapaz o que foi que tu viu lá?*

- *Não vi nada, não vi nada... (respondeu o rapaz)*

- *No belo dia, no lugar dele, ele foi se meter no grode e foi dizer o que ele viu, aí ele morreu. (risadas...)*

- *Outra eu vou te contar... Meu irmão viu no Remancinho uma mulher. Ela tava lavando roupa, tinha o cabelão comprido. Lavando roupa e a criança aqui do lado dela, lá no Remancinho. Aí ele também não me disse nada, só me contou aqui, tempos depois...*

- Outra... Eu tava aqui em casa dormindo. Eu sonhei com três maresias na Areias. Minha canoa era boa, era uma canoa boa pra andar. Foi eu, meu irmão Álvaro. Aí nós saímos daqui pra ir pra Areias e num contei nada, nada do que tinha acontecido. Aí fomo embora, chegamos lá tinha um banco assim e tinha outro banco lá embaixo. Nós saímos. Quando chegou aqui na banda desse banco que cassamos o pano da canoa lá vem o mar, lá vem o marzão, marzão que vinha pá, que quando ela (a canoa) foi se equilibrando aqui... lá vem outro marzão. No derradeiro mar que veio a cana do leme quebrou. Quebrou, aí corremos depressa, amarremos aqui o remo na cabeça do leme e saímos pra pescar pro rumo de baixo. Não falei nada pra ninguém. Vim falar aqui tempos depois.

- Outra... Eu tô contando essa história aqui porque Deus não quis... Suiu só eu de canoa pra lá, pra Areias. Escapei de morrer. A canoa ficou cheia d'água, só nós de canoa, só vento forte, marzão em cima do banco... A canoa só não alagou mesmo porque Deus não quis...:

3 Seu Daniel

3.1 O encantado de Branco

- Eu, Odilon e Reginaldo, meus dois cunhados, fomos arrastar camarão. Quando eu me espantei do sono eu fui chamar eles:

- Se vocês vão arrastar já tá na hora.

- Nós descemos lá pra Barra. Um se levanta e senta no banco da canoa. Que eu olho por cima da canoa, tinha um camarada sentado lá em cima da crôa, todo de branco. O caboco tava bem vestido, chapéu na cabeça, o sapato era preto chega brilhava e o desgranhado do Reginaldo viu e disse pro Odilon que tava de costa pra lá. Aí ele disse:

- Olha pra de trás da tua costa Odilon!

E Odilon olhou. O cara nem terminou de urinar Sô... (risadas). Pegou, tirou pra fora, foi simhora. (mais risadas)

- O senhor também olhou?

- Eu olhei. Fui o primeirinho que olhou. Foi eu. Mas só que eu fiquei na minha.

- Essas histórias já aconteceu comigo, que eu vi!

3.2 No meio da estrada

- E no seco (em terra) aconteceu do Rio grande pra Santa Isabel. Eu era acostumado a sair lá de casa 6,7horas da noite e ir pra Santa Isabel e nunca tinha visto nada de noite.

-Quando deu ditardinha eu disse pra mãe que eu ia dormir na casa da mana na Santa Isabel.

-Esse aí já tá com as viagens dele pra casa de Domingas e só vai de noite nesses caminhos visageiros. (Disse a mãe)

- Umás 7 horas mais ou menos, agarrei a roupa aqui debaixo do braço e a faca na mão e fui. Tinha a ponte de taba e tinha a passagem que era dos animais. Eu resolvi ir pela passagem dos animais pra eu me banhar no rio, era pertinho da ponte. Tinha um capão de mato que a gente subia. Botei a roupa na berada, que quando eu mergulhei que eu sair, eu vi um cabra berrar: méééé (imitando o som do berro). Eu pensei: rapaz esse camarada na minha frente... Eu tornei mergulhar... Tomei três mergulhos, sai, vesti aqui a cueca. Também não vi mais nada. Agarrei aqui a roupa botei debaixo do braço junto com a alpercata e a faca e sai.

-Eu fui, quando eu vi aquele toco de pau atravessado no meio da estrada... Nessa época tinha muito carro de boi e quando passavam ficava a marca da carroça e tinha a marca do carro de boi, então esse toco não tava aí. Quando eu cheguei perto eu desconfiei. As orelhinhas do cara chega tava... Rapaz nessa hora chega o sangue freveu. Peguei a faca aqui e ajuntei pra cima e esse camarada jogou areia nos meus peitos, a areia e ele endireitou e eu endireitei em cima. Aonde! Quando chegou adiante ele sumiu. Aí eu dei um grito. Quando eu gritei a minha irmã conheceu o grito: - alguma coisa ele viu aí. Quando eu cheguei lá ela me perguntou o que aconteceu, eu disse que não foi nada. Eu não vi nada.

4 Seu Ladico

4.1 cavala-canga

- Lá no interior tinha uma mulher que virava cavala- canga. Toda sexta-feira ela virava cavala-canga. Quando foi um dia Café disse: hoje eu vou descobrir se ela vira cavala-canga ou se não vira. Então mais... quando ela passou rixando.

- De noite?

-Tantas horas da noite. Ele chegou, entrou na casa dela. Quando chegou, a cabeça tava lá, emborcada a cabeça.

- A cabeça de quem?

- A cabeça da mulher. Ele virou a cabeça dela. Emborcou a cabeça ao contrário. Que da murrada que ela vem de lá (tchá!-imitando o som que faz quando a cabeça cola no corpo) a cabeça cola. Tá certo... Ele vai pra casa.

-De vez em quando ela dava uns rinchamento, uns gritos. Ele dentro de casa, quando deu fé ela passou. Chegou na casa dela, nada, nada. Quando foi de manhã ele esperou ela sair de casa e nada, nada. Aí ele procurou pra moça lá: ela tá doente? A moça respondeu que sim.

Passou... que quando foi com oito dias ela passou rinchando de novo. O Café disse: rapaz é essa mulher mesmo, tava doente e ela não saiu porque a cara dela tava pra traz. (risadas).

- Quer dizer que quando ela se transforma a cabeça fica virada?

- Não. Ela se deita de papo pra cima aí vira cavala-canga e sai. Quando ela chega, ela encaixa a cabeça ali no meio. E se uma pessoa chegar a virar ela não consegue encaixar, fica com a cabeça pra traz.

4.2 História de coisas visíveis e invisíveis

- Na Crôa Alta, lá tinha um pé de guagirú (uma fruta). Guagirú que era enorme, alto e, debaixo tinha um poço com água. Nesse tempo nós não usava esse negócio de galão, usava era pote, era uma vasilha pra encher. A água era limpinha, era fervendo todo tempo, tipo um olho d'água.

- Digamos, tu ia lá, pedia licença, tomava um banho... Assim que era. Trazia tua água e vinha mais teus companheiros pra tua canoa.

- Aí, eu chegava da pescaria, eu ia também. Quando chegava lá, a água não aparecia pra nós. Ficava assim seco, sequinho, sequinho, sequinho... Só areia.

- E o senhor não pedia licença?

- Não! Eu tô ti dizendo assim... (ele quis dizer uma suposição)

- Comigo nunca aconteceu. Que comigo, toda vez que quando eu ia, pedia licença e usava a água. Assim para uns a água era visível e pra outros não.

5 Seu Dedé

5.1 *Essas coisas eu vi foi muito... Aqui passava um diacho de uma carroça fazendo zuada aqui... Aqui quase não tinha casa, era uma casa aqui outra lá... Não tinha luz, não tinha luz aqui em Ribamar. De uns anos depois foi que teve, mas assim, o motorzinho ficava lá na rua grande, mas era só pra lá. Pra cá não tinha assim. Acendia quando era assim depois de dez horas. Era mais bonito em noite de lua, tudo iluminado, a gente sentava na porta, conversava...*

- O que o senhor olhou nesse mar ou o que ouviu falar?

- Não... Eu vi! Quando eu vinha correndo (querendo dizer quando vinha embarcado) aqui na ponta do Caúra tantas horas da noite, a lua bonita... Atravessava um casco aqui na minha frente e o marzão quebrando nas pedras, chegava lá e encostava. Não era gente nossa não.

- E era embarcação real?

- Não! Era coisa que parecia nessa ponta do Caúra aí. Quase nós dizia assim... Nós foi mais quem meu Deus?(se perguntando com quem estava pescando nesse dia). Foi mais Uriel. Maré quase pré-a-mar, o casquinho passou ligeirinho: - rapaz olha o casco aí. Ele passou e eu olhando a lua bonita, vi, ele encostou lá... Quem que encosta num marzão desse aí quebrando lá nas pedras? Não encosta não!

5.2 - *Eu pescava aí, na barreira vermelha, defronte, de noite. Aí tinha hora que a gente ia se deitar aí você escutava negócio de visagem no fundo do mar, batendo de baixo d'água. Ah! Isso aí eu vi foi muito! Essa barreira é visagem!*

-Teve uma vez que da barreira assim pro chão – lá agora é casa como quê - correu uma enxurrada pra dentro d'água (do mar), aí a mulher ia pegar lenha pra levar pra casa. Aí ela vê correndo aquela coisa preta. Quando ela chegou em casa que contou e voltou pra ver não tinha mais nada. Era só pra ela vê.

- O senhor já ouviu falar em um navio todo iluminado?

- Aqui passava... Ele vinha daqui de cima. Nego olhava ele passar todo iluminado. Era verdade mesmo.

- Mais nunca ninguém... (interrompida)

- Não, não, não! Isso era visagem mesmo. Saía daqui do Quebra-Pote esse navio. Era só mesmo pra gente olhar. E só enxergava aqueles que era pra vê, não era todo mundo que via não.

6 Seu Edilson

6.1 - *O pai do velho que me criava ele tem um porto ali né? lá embaixo e lá sempre carregaram negócio de palha né? Quando foi na boca da noite ele disse que foi descarregar a canoa. Quando chegou lá (só que nesse dia ele não tava carregando palha não) ele viu um movimento, aquela zuada de carregar palha. Ele ficou cabreiro e veio embora. Chegou me contando.*

- Um vulto?

- Tinha assim aquela pessoa carregando aquelas palhas.

- Mas ele mesmo não viu quem era?

- Não via não! Era só a zuada, tá me entendendo? o vulto não chegava a vê não.

- *E tem muita história que o pessoal contava... ali no igarapé da rua nova era muito visageiro.*

- O senhor nas suas pescarias nunca viu?

- *Só ouvir falar, é.*

- *Tinha um velho que uma vez ele tava pescando. Ele tava dormindo em cima da popa da canoa né? E ele disse que tava assim quase dormindo, não, só tava cochilando. Quando chegou aquele... Um caboco pretão agarrando nas pernas dele e querendo puxar pra dentro d'água lá e não sei como foi que ele se espantou e nessa hora mesmo ele veio embora, não ficou pra pescar não. Veio embora!*

7 Seu Barrão

7.1 - *Eu ouvir falar que aqui no Caúra tinha uma aldeia dos índios. Aonde os índios batiam o pé e travessavam uma flecha daqui pra outra aldeia que se chamava aldeia de Santa Maria e lá os outros respondiam, daqui lá e os daqui respondiam daqui lá.*

- Com as flechas?

- *As flechas. Porque diziam que era daqui à Santa Maria e de lá na aldeia do Caúra e bem na frente de lá chamava Pedra da Vela. E lá, descendo o Tapari, pra lá, tinha as camboas de pesca dos índios. Descendo o Tapari, era as camboas de pescas dos índios, aonde os índios iam tirar o peixe pra comer.*

- E transitava um navio nessa região?

- *Dizem, os mais velhos diziam, que tinha um navio que saía da Barreira Vermelha até lá fora todo iluminado e os pescadores viam isso aí, diz que viam.*

- *Simplesmente diz que no dia de São João o boi brincava. Do lado do Caúra o boi brincava dia de São João e os pescadores mais velhos diziam que viam o boi brincando e o navio todo iluminado saindo da Barreira Vermelha no rumo de fora do mar, no rumo do Teréré.*

- Já ouviu dizer que quando o navio aparecia os pescadores seguiam ele?

- *Não. Aí eu não sei se tinha canoa que seguia. Eu ouvir os mais velhos dizer que viam ele, agora seguir eu não sei se seguiam.*

- *Bem na ponta do Caúra tem, diz que tem, a ponta dos dois mangueiros. Ponta dos dois mangueiros era duas mangueiras. Lá na ponta dos mangueiros chamavam ponta do Caúra. Diz que ali, lá naquela ponta, diz que tinha um mero (peixe grande que come gente) muito grande e esse mero que tinha lá só tinha um olho na testa. Assim... Então as conversas foram essas.*

- Mas nunca conseguiram pescar esse peixe?

- Não. E essas duas mangueiras todo tempo lá. Nunca conseguiram e não sabem pra onde esse mero desapareceu, mas que os mais velhos diziam que tinha esse mero, que só tinha um olho na testa defronte os dois mangueiros, mas ninguém sabe pra onde foi que foi. Mas os mais velhos diziam isso.

- Naquela época não tinha luz, nós saía de noite. Quando começou a luz era só até as dez horas. A gente saía no escuro, só no lampião. Não tinha como as pessoas se defenderem dos arrecifes, das pontas. Tinha o arrecife grande e ainda tem e como a gente já sabia onde o mar quebrava, desviava e partia pra ponta do Caúra e de lá fazia a viagem no rumo do Cachimbo, no rumo do Papagaio, Tereré, do Cururupu.

8 Seu Vavá

8.1 - Eu ouvi essas histórias de navios, sereias, tinha outra coisa que eles me contavam, era um boi que brincava, ta entendendo? No meio da crôa, a partir da meia noite saía brincando. Quem olhava, tinha a visão boa, enxergava. Eu como não tinha, o pessoal contava.

- O boi só brincava no dia de São João?

- Não. O tempo todo. O pescador que tinha a visão boa pra olhar, ele enxergava aquela brincadeira na crôa. Um boi brilhoso com aquele pessoal brincando e depois sumia. Quando eles chegavam em casa eles contavam pra gente, nós eram pequenos. Meu tio Zé Tavó me contava.

-O meu pai me contava, quando era vivo, do assobiador daqui do Vieira. Porque antigamente não tinha energia em Ribamar, só existia mesmo era lamparinazinha que a pessoa seguia. Então meu pai como trabalhava, chegava tarde da pesca, meia noite, uma hora e passava por encruzilhada, por canto. Existia aquele assobiador né? A assobiação era fininha, quem é pensava que era uma pessoa, mas não era. Nego chama de encantado que o pessoal olhava, mas eu mesmo nunca vi.

8.2 - História de visagem

-O Edmundo, ele pescava sozinho----- de noite, não era de dia não!

- Ele foi tarrafeiar... a mulher dele falava, reclamava pra ele.

- Ele foi, entrou n'água. Passou um cara de banda dele. Aí Edmundo falou com ele:- ê rapaz!

- O caboco não falou. Aí, chegou lá na frente ele tarrafeou prum lado e o caboco tarrafeou pra outro. Mas o cara não falava. Aí, foi que ele pegou os peixes, botou no cofo, enrolou aqui a rede e saiu pra ver se encontrava o cara. Quanto mais ele andava pra perto do caboco, mas ele (o caboco) se distanciava.

- Ele não achou não! Dêrna dessa vez ele deixou de pescar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho que ainda merece ser esmiuçado, pois se tratando de história e tradição oral e da localidade desses pescadores, as fontes são inesgotáveis e muito ainda precisa ser pesquisado. Por isso, não me permito finalizá-lo com uma conclusão, apenas farei algumas considerações.

Bem antes da chegada dos europeus às terras desconhecidas do Atlântico, o imaginário sobre mundos distantes eram direcionados ao oriente, tudo que era herético e maravilhoso nos foi dado e imaginado, contudo, quando se descobriu a América esse imaginário foi também transferido e recriado.

Descoberto, o Brasil passou a ser uma prolongação não só da metrópole como também do imaginário europeu, segundo Laura de Mello e Souza, ainda que com algumas reestruturações, mas mantendo as raízes europeias, tornando-se um lugar imaginário de visões ocidentais de uma humanidade inviável em oposição a uma natureza edênica, fato este que se projetou sobre a América como uma ponte que aproximava o Novo Mundo do Velho Mundo, integrando o seu imaginário.

A colonização significou o renascimento do pensamento medieval, principalmente no que se refere às figuras monstruosas. As crônicas de viagem, então, são responsáveis pela divulgação da presença desses seres que estavam ainda tão arraigados à mentalidade da época. Desse modo, encontramos com certa frequência raças de seres monstruosos, fantásticos e, até mesmo, míticos nestas narrativas.

O Brasil tornou-se o lugar do fantástico ao mesmo tempo da existência dos seres monstruosos da Antiguidade e da Idade Média. Os monstros do imaginário europeu foram recriados, como apresenta o escritor Gândavo em seus textos citado em Laura de Mello e Souza:

Noite alta, uma índia avistou o monstro “movendo-se de uma parte para outra com passos e meneios desusados e dando alguns urros de vez em quando”; ia ele por uma várzea junto ao mar, e era tão feio “que não podia senão o demônio”: “era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha uma seda mui grandes como bigodes”. O rapaz que o matou, chamado de Baltazar Ferreira andou “como assombrado sem falar cousa alguma por um grande espaço”. Na língua da terra, aquele ser se chamava hipupiára. (SOUZA, 1993, p. 52).

Na medida em que o novo continente ascendia em suas especificidades, conheciam-se novas plantas, novos seres, fortes ventos, tempestades e, principalmente, homens e bichos ainda não vistos. Os habitantes das terras descobertas que os europeus

acreditavam serem fantásticos e exóticos por natureza constituíam outra humanidade também fantástica, porém monstruosa.

Do século XVI ao século XVIII, o temor aos monstros marinhos esteve em pauta nos relatos de viajantes e nas formas mais populares da literatura como livros de romances e histórias de cavalaria e, em muitas vezes, descrito nas cartas de Colombo, o qual acreditava em monstros. Para ele, “[...] trata-se de seres dos quais seria difícil precisar se são homens ou bestas” (SOUZA, 1986, p. 50). Monstros esses que foram conceituados, segundo Santo Agostinho, como seres que tinham algo a mostrar: homens com a cabeça no peito, de um pé só, gigante ou com orelhas enormes. Sempre com características alheias às dos colonizadores.

Séculos depois, esse temor sobrevive nas histórias de pescadores referentes a seres encantados, invisíveis, animais e ao próprio ser humano como uma característica marcante da História das Mentalidades, pautada dentro do tempo da longa duração onde as estruturas mentais, as crenças, pensamentos e comportamentos mudam muito lentamente e onde cada época só pode ser entendida em seu próprio tempo. Por isso, muitos têm dificuldade em enxergar nessas histórias o contexto, o momento histórico que é vivido, por não se permitirem saírem de si mesmas e do seu tempo presente.

O mar sempre foi visto como uma imensidão de segredos, um lugar de que emergem seres de destruição e ou guardiões. Ao mar foi dada a origem da vocação demoníaca de um povo como aponta Laura de Mello e Souza (1986, p. 740), “[...] o labor incerto dos navios, a confiança apenas nos astros, os segredos transmitidos, o afastamento das mulheres, a imagem, enfim, desta grande planície convulsionada fazem com que o homem perca a fé em Deus e as sólidas amarras na pátria; livram-se ao diabo e ao oceano de suas incertezas”. Se por um lado, faziam do mar o lugar de abandono do homem por seus pecados, do outro, faziam nele as grandes travessias marítimas que serviam como degredo e purificação dos “filhos malditos” de Portugal, por acreditar que aqueles que sobrevivessem à fúria do mar seriam purificados, fazendo do degredo a articulação entre metrópole e colônia.

Hoje, o mar continua a ser desbravado e o homem vivendo a incerteza da volta para casa, com a diferença de que a travessia do mar agora é feita por homens que buscam a todo o momento a proteção de Deus e dos santos para que tenham uma estadia no mar tranquila e próspera.

Heródoto ficou na tradição como pai da História, por apresentar somente aquilo que ele viu e pesquisou, tratando-se de uma viagem, de um relatório de pesquisa, de uma narrativa informativa e agradável que engloba os aspectos dignos de menção e de memória. Ele fala daquilo que ele mesmo ouviu ou que ouviu falar, privilegiando a palavra da testemunha, a sua própria ou a de outro, para contar os acontecimentos passados, conservar a memória, lutar contra o esquecimento, fazendo uma ligação com o presente e o passado e selando a identidade de um povo ou nação.

Neste trabalho procuro colocar a figura do pescador como o autor principal desta História, dentro do seu grupo social, onde narram aquilo que viram, ouviram ou viveram, procurando privilegiar o seu tempo, seu espaço, seu próprio contar. Destacando São José de Ribamar como lugar de muitas histórias, digam-se as suas várias lendas e mitos sobre sua fundação, seu sincretismo. A cidade apresenta um grande número de pescadores, embora sua maioria utiliza-se da pesca para sua própria sobrevivência, ao contrário dos tempos de outrora quando chegou a ser um dos grandes fornecedores de pescado da região metropolitana de São Luis.

Hoje, o perfil desses pescadores é serem homens, em sua maioria com mais de 50 anos, alguns aposentados, mas que permanecem na pescaria. O ofício da pesca hoje é pouco vivido por seus filhos, que, com a chegada da modernidade, do desenvolvimento, das grandes oportunidades na educação e de empregos, são levados para longe do mar e, às vezes, da sua própria cidade, em busca de melhores condições financeiras. Mas ainda há aqueles que permanecem e desenvolvem gosto pela profissão.

Muitas das histórias aqui contadas aconteceram em um tempo em que a cidade ainda era sob a luz do lampião, pois a eletricidade existia apenas na Avenida Gonçalves Dias (Rua Principal) e regida por um “motorzinho”, como diria seu Dedé, o que fazia da noite e da escuridão um elemento importantíssimo para compor as histórias de visagens.

Revestido de uma mentalidade e imaginário medieval em relação a seres encantados, visagens de bichos e homens, ao respeito à natureza e em alguns casos a seres fantásticos como no relatado sobre boi encantado e animais vigilantes, os pescadores trazem em suas histórias características evidentes do imaginário medieval em relação aos elementos da religiosidade e da sensibilidade popular. Elementos da herança do Brasil colonial e do imaginário também português que ainda se perpetuam pelo mar e igarapés de São José de Ribamar. Ainda sendo poucos os estudos sobre a história oral dos pescadores e sua relação com o imaginário bestiário, continuarei aguçando o desejo de aprofundar minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Antônio Simplício de. Memória e representações: deslocamentos e significados sobre o ensino de história. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2009. p. 1-8.

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 207-241.

AYRES, Pe. José Bráulio. Santuário **São José de Ribamar**: a cidade e o santo dos maranhenses. São Luis: [s.n], 2002.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Teoria da História – princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. Imaginario, Mentalidade e Psico-História- uma discursão historiográfica. **Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário** . 2004.

BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort Gráfica, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**, 3^o edição. Itatiaia, Belo Horizonte; Ed. Da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. **Os causos**: uma poética pantaneira. Barcelona, abr. 2007. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Autônoma de Barcelona, 2007.

CHARTIER, Roger. História. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: _____. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002, p. 23-60.

CONCEIÇÃO, Marli de Jesus. **São José de Ribamar: cidade de encanto.** São Luis: edição da autora, 1995.

COMUNICAÇÃO, COMETA. São José de Ribamar, a terra do padroeiro. **Revista Caminhos do Maranhão** n^o 41, 2000, p.48. Publicação bimestral.

COSTA, Adelino. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores.** São José de Ribamar, 10 Nov, 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUBY, Georges. **A história continua.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FRANÇA, Vanessa Gomes. O imaginário medieval bestiário em viagem à terra do Brasil de Jean de Léry. In: SIMPÓSIO “LEITURA DE NARRATIVAS”, 2009. Goiânia. **Anais...** Goiânia, out. 2009.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Identidade Bestiária na Colônia: Monstruosidade nas crônicas sobre o Brasil do séc. XVI e XVII.** P.77,78. Revista Signótica, v. 15, n. 1, p. 77-90, jan./jun. 2003

GOOGLE MAPS. [**Mapa da Ilha de São Luis, p. 22**] acesso em janeiro de 2016. Disponível em [HTTPS:// Hilariofranco.com. br](https://Hilariofranco.com.br).

GOOGLE MAPS. [**Baía de São José, p.29**] Acesso em janeiro de 2016. Disponível em [HTTP://www.mapnall.com](http://www.mapnall.com)

GOOGLE IMAGENS. [**Praça da matriz de São José de Ribamar, p.23**] Acesso em maio de 2015. Disponível em [HTTPS:// HTTPS://www.google.com.br](https://www.google.com.br)

GOMES, Larissa Ribeiro. PEREIRA NETO, Miguel. Elementos da antiguidade e do medievo na religiosidade colonial. Revista de Humanidades. v. 9. N^o. 24, set/out. 2008. **Anais...** Caicó-RN. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados de 2010**. Disponível em: HTTP< www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2015.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Trad. José Rivair Macedo. São Paulo: EDUSC, 2005.

LISBOA, Adelino Pinto. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores**. São José de Ribamar, 14 março de 2015.

LIMA, Carlos Alberto Marques.(pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores**. São José de Ribamar, 23 nov. 2015.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876. P.194. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182909>

NICOLAZZI, Fernando. História das mentalidades e história cultural. **Revista Vernáculo**, p.56. São Paulo, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. p. 9-27.

PRIORE, Mary Del. **Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **São José de Ribamar: a cidade, o santo e sua gente**. São Luís, 2001.

_____. **Imagem do Arraial de São José de Ribamar em 1886**. P.49. São Luís, 2001.

RODRIGUES, Edilson Marques. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores**. São José de Ribamar, 15 nov. 2015.

SANTANA, Edvaldo. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores**. São José de Ribamar, 19 maio de 2015.

SANTOS, José Gonçalo dos. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores.** São José de Ribamar, 20 maio de 2015.

SANTOS, Cleomadson Maurilio. [**Imagem de pescadores na baía de São José, p.7**] Acesso em Janeiro d 2016. Disponível em: <<HTTPS://www.facebook.com>

SILVA, Euvaldo. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores.** São José de Ribamar, 2 dez.2015.

SILVA, Daniel Gomes da. (pescador) **Entrevista sobre o imaginário nas histórias de pescadores.** São José de Ribamar,

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994, pp. 189 – 242.

ZIERER, Adriana. A visão do diabo na demanda do santo graal. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL, 4, 2010, São Luís, **Anais...** São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010. p. 89-101.